

NESTE LIVRO, 27 AUTORES INDÍGENAS PARTILHAM SUAS VISÕES,
OPINIÕES E SENTIMENTOS.
VOZES DE 17 ETNIAS SEMEIAM FUTURO DESDE A MEMÓRIA.

AO SOM DE TAMBORES E FLAUTAS, A MÃE TERRA VEM FALAR.
MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

A TERRA ME EMPRESTOU SEU BARRO E O GRANDE ESPÍRITO ME CONSTRUIU.
VERÔNICA MANAUARA

É DA TERRA QUE TEMOS TODOS OS ENSINAMENTOS FORTES E O PODER DE SOBREVIVER.
MAYÁ TUPINAMBÁ PATAXÓ HĀHĀHĀE

A MÃE TERRA DÁ TUDO PARA NÓS.
ATÍĀ PANKARARU

PELA MEMÓRIA DA MÃE TERRA SABEMOS.
NHENETY KARIRI-XOCÓ



THYDÉWA



ibram
instituto brasileiro de museus

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ISBN: 978-85-901957-8-8

MEMÓRIA DA MÃE TERRA

INDÍOS NA VISÃO DOS INDÍOS - MEMÓRIA DA MÃE TERRA



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Apresenta

MEMÓRIA DA MÃE TERRA

Autores:

Arian Pataxó, Naine Terena, Manoel Moura Tukano, Yracerê Xucuru-Kariri, Nazaré Pankararu, Joarez Karapotó, Atiã Pankararu, Edson Kayapó, Ararawã Baenã Hãhãhãe, Maya Pataxó Hãhãhãe, Ítala Xokó, Elyzama Xokó, Franklin Xokó, Yatan Xokó, Karine Xokó, Reginaldo Kanindé, Nhenety Kariri-Xocó, Aleksandro Potiguara, Maíke Witxô Fulni-ô, Joel Braz Pataxó, Bu'ú Tukano, Nynhã GwariniTupinambá, Jamopoty Tupinambá, Katu Tupinambá, Casé Angatu, Verônica Manaura, Márcia Wayna Kambeba.



THYDÊWÁ

2014

Este é um livro coletivo, construído colaborativamente com o protagonismo de 27 autores indígenas, de 17 etnias diferentes, como responsáveis dos conteúdos; contando com a colaboração de outros indígenas na realização de pesquisas, produção fotográfica e ilustrações. Este é o 21° da coleção Índios na Visão dos Índios.

Realização: ONG Thydêwá.

Comissão de seleção, editoração e organização: Maria Pankararu, Fernanda Martins, Joana Brandão Tavares, Gabriela Saraiva de Mello, Potyra Tê Tupinambá e Sebastián Gerlic.

Coordenação do projeto: Sebastián Gerlic.

Equipe de Criação Artística: Helder C. Jr., Sebastián Gerlic, Nynhã Gwarini, Amatiry, Irãny, Potyra Tê Tupinambá.

Ilustração da capa: Irãny Tupinambá (desenho) / Helder C. Jr. (pintura digital)

Finalização: Helder C. Jr.

Este livro é resultado da Premiação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM via edital público de 2012, que viabilizou a impressão de 1.000 exemplares.

Uma versão gratuita está disponível em: www.thydewa.org/downloads1/maeterra

ISBN: 978-85-901957-8-8



Quem quiser usar conteúdos deste livro, com fins educacionais, através de trechos, ou copiá-lo na sua íntegra, sinta-se à vontade! Aproveite ao máximo sua criatividade e some na valorização das culturas indígenas.

Se fizer uso do conteúdo deste livro, você deverá manter esta mesma licença. Lembre-se de citar o nome completo do livro e dar os créditos ao/à autor/a. Compartilhe conosco a sua versão! Ficaremos felizes de conhecer o resultado do seu trabalho.

Para qualquer atividade com fins comerciais, você deverá fazer uma solicitação prévia através do email: contatos@thydewa.org

Não permitimos nenhum tipo de uso para empresas que desrespeitam a Mãe Natureza.

ÍNDICE

LAMENTO DA TERRA	Márcia Wayna Kambeba	4
A MÃE TERRA PROVIDORA DA VIDA	Edson Kayapo	6
RESPEITAR A MÃE TERRA	Maya Pataxó Hãhãhãe	12
MEMÓRIA DA TERRA	Nhenety Kariri-Xocó	14
A MÃE TERRA DA TUDO PARA NÓS	Atiã Pankararu	16
COMPOSIÇÃO DE TUDO	Veronica Manaura	18
GRANDE ESPÍRITO	Manoel Moura Tukano	20
MÃE TERRA OLIVENÇA	Katu Tupinambá - Casé Angatu	24
APENAS UNS DIAS	Nynhã Gwarini Tupinambá	28
TRÊS GERAÇÕES	Naine Terena	30
A TERRA MÃE É NOSSA PÁTRIA	Maike Witxô Fulni-ô	32
RESPEITO À MÃE NATUREZA	Yracerê Xucuru-Kariri	36
NOSSAS TERRAS	Arian Pataxó	38
MÃE DAS MÃES	Alexsandro Potiguara	40
SEGUINDO A NATUREZA	Joarez Karapotó	42
PRESERVAR A MÃE TERRA	Joel Braz Pataxó	44
GENTE OMARÍ	Bu'ú Tukano	46
O PODER DO TORÉ	Ararawã Baenã Hãhãhãe	52
GRATIDÃO	Coletivo Xokó	54
RESPEITANDO A MÃE TERRA	Reginaldo Kanindé	56
SALVAGUARDA PANKARARU	Nazaré Pankararu	60
RETOMAR PARA CUIDAR	Jamopoty Tupinambá	62

LAMENTO DA TERRA

Ao som de tambores e flautas,
A Mãe Terra vem falar

Minha pele foi rasgada
Minha alma se cortou,
No meu grito de agonia
O meu sangue derramou.

A memória dos meus filhos
“Homem branco” afetou,
Por milênios enterrados
Em meu solo se entregou.

Ó, entenda may-tyni
Este lamento é de dor,
Tá doendo, tô morrendo
Por tua falta de amor.

Mas no afago maternal
Me renovo pra você,
Das entranhas tiro a força
Faço a vida florescer.

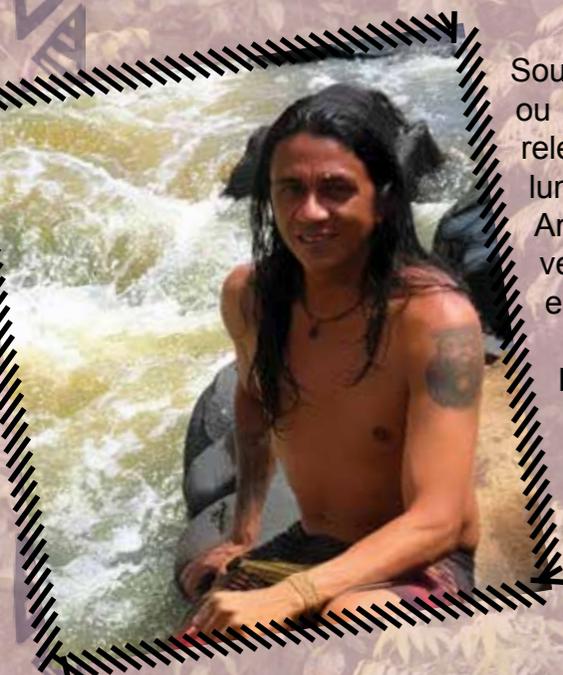
Com amor te peço filho,
Te abraço pra dizer:
Veja em mim a mãe que abriga
Alimenta e faz crescer.

Ao som de tambores e flautas,
A mãe terra vem falar.

MÁRCIA WAYNA KAMBEBA



A MÃE-TERRA PROVIDORA DA VIDA



Sou parte integrante e muito especial da noção ampliada de Deus ou Grande Espírito. Essa força superior está expressa nos meus relevos, no cheiro das flores, no canto do japiim, na luz do vagalume, nos frutos do ingazeiro e nas límpidas águas do rio Curiau. Antes de ser mãe, sou filha do universo, sou a Mãe-Terra e venho falar um pouco dos meus sentimentos, minhas dores e esperanças.

Em meio à guerra e destruição, atualmente tenho muito ouvido falarem em paz e preservação/conservação da natureza. A natureza, que é o meu corpo, feito para alimentar meus filhos e para ser sua casa, tem sido sistematicamente atacada e poluída ao longo de séculos!

Eu resisto, mas sofro muito. E agora que esse sofrimento está visível, tenho acompanhado o surgimento de teorias e crenças que se denominam defensoras da Mãe-Terra. São bons filhos que se levantam em defesa de sua mãe, são filhos que entendem que não basta viver, é preciso ter esperança na vida futura.

Há pouco tempo, algumas décadas, depois da grande bomba, os chefes de Estado e a sociedade civil mundial têm organizado e promovido conferências internacionais sobre meio ambiente e assinado acordos internacionais visando o estabelecimento de novas relações socioambientais no planeta. Criaram o paradigma do Desenvolvimento Sustentável visando fundar uma sociedade com equidade, participação e que tenha como prática econômica o uso racional dos recursos do meu corpo.

Todos partem do princípio de que a opção de desenvolvimento escolhida pela humanidade tem provocado graves problemas socioambientais. Colocando em risco o futuro da vida e do planeta. Infelizmente, toda essa mobilização mundial parece infrutífera, pois ironicamente percebo minha febre elevar-se. Sinto minhas veias, formadas pelas fontes das águas, aquecer, enquanto que a minha pele feita de florestas desaparecem aceleradamente, sob o fogo das queimadas e

das serras elétricas. São transformadas em madeiras para obras ou em carvão para os fornos industriais. Esses fatores conjugados colocam sob ameaça todas as formas de vida produzidas ao longo de milhões de anos, inclusive a vida humana.

Lembro bem daqueles tempos em que não havia os seres humanos, só existia os seres denominados irracionais e os elementos inanimados. Foi um tempo mais tranquilo, meus filhos viviam naturalmente, sem desequilíbrios ambientais sérios, em que as paisagens naturais eram soberanas absolutas e os animais viviam tranquilamente em biomas equilibrados, com chuvas abundantes, suficientes para regar o solo e garantir a reprodução da vida.

Mesmo depois do aparecimento dos seres humanos, durante um tempo longo da sua presença por aqui, não houve grandes problemas ou desequilíbrios socioambientais, porque os antepassados humanos eram mais responsáveis, mais ajuizados e mais conscientes sobre o manejo dos bens naturais. Preocupavam-se com a coletividade, com os seus herdeiros e viam que a fonte da vida estava em cada folha, em cada ararinha-azul, em cada peixe e em cada pedra, por isso prezavam pelo equilíbrio ambiental. Aprenderam que o Grande Espírito está em todos os lugares e se comunica com todos através dos sons dos ventos, das águas, do canto do uirapuru e pelo colorido da plumagem do beija-flor.



Desenho de Luara Luzir Silva de Brito (Lua Kayapó)

Lembro que os seres humanos daquela época cultuavam a mim como divindade, usavam as plantas para curar os males do corpo e do espírito e se alimentavam da coleta e da caça sem danificar o ambiente onde viviam. Foram bons tempos, em que a inteligência humana unia-se à natureza para com ela criar e recriar a beleza da vida. Mas essa inteligência, guiada pela ambição, um dia achou que o mundo era um lugar temível e perigoso.

Meus filhos, tão inteligentes, deixaram o meu colo e decidiram lutar contra a minha força, e dominar a natureza, que não mais reconheciam como dádiva divina. A essa ruptura chamaram de progresso.

Apesar das mudanças que meu corpo sofre com as ações das diversas forças da minha própria natureza, considero que a agonia desenfreada que atualmente sinto tem relação direta com a ambição humana. Desde que alguém chegou e disse: vou cercar a terra e substituir a floresta

por outro produto, ou, vou interromper o curso normal do rio para construir uma barragem, por exemplo, inevitavelmente feridas profundas foram se abrindo no meu corpo. As florestas foram cedendo lugar ao pasto e à monocultura, os animais foram desaparecendo e os humanos foram se desapegando das forças da natureza, chegando ao ponto de serem insensíveis ao canto noturno da coruja ou ao som das águas do mar.

Com o tempo decidiram abrir meu corpo mais profundamente para extrair minha carne, a qual denominam minérios, pondo em



Desenho de Camilo Silva de Brito (Tatá Kayapó)

risco escancarado às gerações presentes e futuras da própria humanidade. Da minha carne são produzidos outros bens e substâncias providas de um tipo de alquimia a que chamam de ciência, maléfica e inconsequente. Ainda mais profundamente, decidiram fincar em minhas veias agulhas que buscam meu sangue apurado, a que chamam de petróleo. Queimam o meu sangue e a fumaça vem produzindo o desgaste da mais fina e etérea pele que me reveste, denominada por eles de camada de ozônio. Sem esse véu, que me protege do calor do Sol, vou aquecendo. Meu aquecimento muda o curso natural de tudo, desgelando os polos congelados, fazendo subir o nível das águas e desequilibrando a vida animal, vegetal e microscópica.

Estou triste, com meu corpo todo machucado a ponto de nem saber se as doenças que contraí ainda tem cura!

Por mais que tente me recuperar, a força humana que devasta é muito forte. As vozes das pessoas de bom coração, de espírito elevado ecoam, mas são poucas a meu favor. Ademais, há muita hipocrisia entre aqueles que se dizem defensores da Mãe-terra. Fazem discursos fervorosos e assinam pactos ambientais para não serem cumpridos, pois temem que as ações reparadoras das minhas feridas diminuam seus lucros e seus poderes na terra.

O derretimento da Groelândia e dos meus polos são minhas lágrimas choradas por toda a maldade e ingratidão destes filhos que se dizem inteligentes. Destroem tudo, criam altas tecnologias para intensificar a devastação e dizem que isso é sabedoria.

Mas nem todos os filhos me abandonaram. Minhas dores são aliviadas com o bálsamo dos minúsculos grupos formados pelos meus filhos que vivem na floresta. São povos tradicionais, sábios e pessoas do bem que fazem muitos esforços para tentar reverter esse estado de coisas. São grupos que veem os pássaros, as onças, os peixes, as fontes de água, o ar, as montanhas e a lua como irmãos e não como elementos inferiores que precisam ser dominados, explorados e transformados em riqueza.

Numa versão mais apurada, esses pequenos grupos veem a mim e a tudo que há em mim como uma força sagrada, criadora e recriadora da vida, maestra da orquestra que foi desarmonizada pela irresponsabilidade egoísta daqueles filhos que vivem em função de criar impérios e ostentar riquezas.

Fico feliz por saber que ainda há filhos humanos sensíveis, ainda que sejam poucos. São pessoas guerreiras, que tomam para si o jeito de ser e a espiritualidade elevada dos seus antepassados. São grupos que buscam a prática do envolvimento entre todos os elementos da mãe-terra e os seres humanos, diferente da prática do “des-envolvimento”, levado a cabo pela lógica do mundo dito civilizado, que ao optar pelo projeto cartesiano, cuidou de desencantar o mundo do envolvimento praticado pelos antepassados.

Envolvimento e desenvolvimento: uma luta precisa ser observada com mais cuidado para que se possa perceber a necessidade de desmontar a bomba que destrói milhares de hectares de floresta todos os dias no planeta.

Não tenho dúvida de que ao se desligarem da espiritualidade dos antepassados, os meus filhos humanos se voltaram contra mim. Perderam a noção do caráter sagrado da natureza e firmaram outro pacto, em que o sagrado está no egoísmo e na ganância. Em última instância, o sagrado pactuado no mundo desencantado está na destruição da provedora da vida: a Mãe-Terra.

É lamentável isso tudo, pois não quero declarar guerra contra a meu filhos, pelo contrário, convido-os para um novo pacto, para novas atitudes que reencantem os corações, no sentido de perceberem que não quero mal algum a ninguém. Minha proposta não é a criação de igrejas ou dogmas para me cultuarem, quero apenas que percebam que minha integridade é necessária para a sobrevivência da vida em todas as suas formas. Reencantar corações é transformar o egoísmo e a irresponsabilidade em práticas baseadas na concepção de que a natureza é bela, sagrada e vital. Os corações reencantados tomarão atitudes de respeito à Mãe-Terra, tendo-a como sagrada, gerando ações e compromissos de proteção efetivos com todos os elementos da natureza.

A minha dor é a dor do peixe-boi, do tigre, do tucano, do tucunaré, da borboleta, do vaga-lume, da andirobeira, da paineira, da harpia, do jequitibá, e da jiboia....A minha dor é a dor daqueles que sofrem com a seca ou com as enchentes, daqueles que choram a morte dos castigados pelas chuvas torrenciais que tudo faz desabar. São apenas sinais ou sintomas da minha agonia.

Com todo respeito aos povos da floresta, aos povos tradicionais, indígenas, quilombolas e aliados, quero chamar atenção firme para o seguinte: reafirmo meu desejo pela paz e pelo equilíbrio entre todos nós e não medirei esforços para tentar acelerar a minha recuperação, buscando cicatrizar minhas feridas abertas com o processo que os humanos chamam de “desenvolvimento”. No entanto, se os humanos decidirem definitivamente que não querem a paz, que não querem a continuidade da vida e que vão continuar o massacre a mim e a todos os elementos que compõem o meu corpo, as consequências serão severas na proporção da minha grandeza e da minha força.

Que fique claro que sou um organismo vivo e inteligente, feito para gerar a vida e protegê-la, no entanto, o meu desequilíbrio pode exterminar tudo a qualquer tempo, bastando promover o meu congelamento por cem anos, por exemplo. Depois poderia me descongelar para tentar gerar novas formas de vida, quem sabe seres humanos mais espiritualizados, sábios e responsáveis.



Desenho: Barbara Luanada Silva de Brito.

O melhor caminho mesmo é a busca do entendimento, é darmos as mãos para tentarmos reconstruir tudo o que os seres humanos destruíram em nome do desenvolvimento.

Ainda é tempo de fazermos novos acordos, pactos para serem cumpridos, compromissos que visem a perpetuação do canto do sabiá, os ventos frescos do sul, as chuvas regulares de março e a reprodução da macaúba no meio da densa floresta.

Está passando da hora dos meus filhos buscarem a humildade e cederem para compreender que a força suprema, criadora e movedora de todas as coisas é a Mãe-Terra, que se manifesta a todo o momento pela presença da borboleta, das flores e dos ventos que assopram nos nossos cabelos. Minha felicidade será imensa em saber que os seres humanos querem paz e o bem comum. Quando chegarem a esse ponto, ficarei mais tranquila e, com a força do Grande Espírito, vou buscar me regenerar, fechar minhas feridas e receber novamente em meus braços os meus filhos!

EDSON KAYAPÓ

RESPEITAR A MÃE TERRA

Para mim a Mãe Terra é um ser que faz a gente viver. Índio sem Terra não sobrevive.

Sem ela não podemos ter a nossa vida própria. Nos perguntam sempre: Para que vocês querem essa Terra? Ela é uma Mãe querida que nos faz crescer em todos os momentos. Por isso, eu tenho um grande respeito. Nós, que não somos donos da Mãe Terra, mas simples moradores, temos que saber pisar em cima dela, neste chão sagrado. É prazeroso hoje estar com 65 anos e o senhor Pai Tupã estar me dando esse direito de estar contemplando nela, pisando, celebrando, vendo que ela é uma Mãe carinhosa.

Reivindicamos para que toda essa Terra vire mata, pra gente caçar, reflorestar, ver nossos pássaros, ver os bichos voltarem novamente. Não reivindicamos para benefício próprio, mas eu mesma considero a Terra uma mãe. Uma mãe preparada para nos dar tudo aquilo que a gente precisa. A mãe sempre está ao lado dos seus filhos. Para todos nós indígenas, a mãe Terra é um ser vivo que vem fortalecer toda a humanidade. É da Terra que temos todos os ensinamentos fortes, o poder de sobreviver.

A minha comunidade estava, neste 2014, passando por um momento muito triste, nosso território estava sofrendo a seca. Por eu acreditar que a Mãe Terra é uma mãe amorosa, eu tive que fazer um um momento de silêncio, e pedir ao nosso Pai Tupã que mandasse as suas lágrimas para cima de terra sagrada, para que ela pudesse nos dar o pão de cada dia que estava faltando para nós; para nossos jequinhos, nossos burros e também pra nossa gente.

A gente não tava tendo condições de plantar nada, a terra estava necessitando ser molhada. Eu acho que até nós mesmos não estávamos dando o devido respeito à Mãe Terra; então, ela fez com que a gente se preocupe em derramar lágrimas, pedindo socorro a ela e ao Pai Tupã, para que nos amanhecesse um dia com as lágrimas dele descendo, jorrando em todos os lugares da nossa comunidade.

Há muito tempo, nossos ancestrais compartilham como fazer um ritual para resolver os problemas no momento em que estamos aflitos, Nesta seca, como em outras, o ritual é fazer uma caminhada pedindo socorro até em uma comunidade que estiver com água, pedindo para o Pai Tupã mandar misericórdia e todo mundo sorrir de alegria.

Fui até o rio Aliança, que é um pouco afastado da minha comunidade, lá onde mora o povo do MST (Movimento Sem Terra), na região de Arataca (Bahia) e lá eu consegui pedir, pelo amor de Deus, a licença àquele pessoal para que eu pudesse pegar três pedras daquele rio e trazer para a minha comunidade. E cá eu fiz os meus pedidos; fiz um pequeno chamado com meu netinho, fomos juntos em um local nosso, colocamos as três pedras e pedimos as lágrimas para que a nossa comunidade seja molhada e a gente pudesse plantar nossa mandioca, nosso milho, nosso feijão. Deus nos ouviu, recebemos a graça; a terra está outra vez molhada, e nossas roças plantadas.

Até mesmo no final da vida nós precisamos da Mãe Terra, para nós descansar as nossas costas naquele túmulo tão sossegado, tão tranquilo, que é ela que nos dá. Eu vivo respeitando a Mãe Terra e pedindo a todos o respeito por ela.



MAYÁ TUPINAMBÁ PATAXÓ NĀHĀNĀE

“MEMÓRIA DA TERRA: TUDO É DA NATUREZA”

Morávamos na desembocadura do Rio Opara. Um dia, uma grande canoa com panos veio do alto mar e os homens brancos pisaram em nossa terra; era 4 de outubro de 1501, e o rei deles tinha mandado batizar tudo, falaram de um santo (São Francisco de Assis) e roubaram nosso Rio Opara, chamando-o de Rio São Francisco. Nosso líder indígena Tarobá retrucou: - Para nós, sempre será Opara!

Anos mais tarde, os invasores voltaram e começaram os massacres, devastando florestas e matando nossos parentes. Os sobreviventes subiram rio acima e buscaram refúgio no sertão. Os padres continuaram a caçar indígenas e aprisioná-los em aldeamentos, juntando várias etnias em espaços minúsculos. Vieram dando ordens e até mudaram o nome do nosso rio. Tentaram apagar tudo de nossa memória, mas estamos vivos, resistindo para existir. Nós povo Kariri-Xocó moramos às margens do Rio Opara.

Nós preservamos nossa Mata do Ouricuri, que tem uma mistura de Caatinga com Mata Atlântica, onde conhecemos muitas plantas pelos ensinamentos passados de geração em geração. Remédio é só pegar ali, não custa nada; apenas ter respeito para preservar nossa floresta. As árvores do angico fazem uma sombra agradável, sua casca medicinal serve para gripe e é um anti-inflamatório; a aroeira é uma poderosa cicatrizante. Já para dor de barriga, casca de imburana. Nossa casa tradicional é estruturada com troncos, paredes com esteios de quixabeira e amarrados com cipós resistentes. A cobertura é com palha de Ouricuri. A cama feita de varas de marmeleiro. Um pilão de madeira de canafístula. Um jereré de fibras de algodão confeccionado em arco de juá mirim pendurado na parede esperando o pescador. Vasilhas feitas do fruto do coité. Pratinhos de cuias colocados no chão em forma circular formando nossa mesa do jantar e os pais da família distribuíam a comida em porções de carne de ave nambu e mandioca com uvaia (fruta tirada da mata).

O transporte era com canoas feitas de mulungu. Cada família possuía a sua, todo mundo era feliz. Os cantos dos pássaros animam, preenchem o vazio da solidão. Todos os animais fazem seu comunicado em sua própria sonoridade. Imaginem um animal extinto!? Quanta falta vai fazer para nossa tradição!? Ficaremos muito tristes por não ouvir mais aquela harmonia sagrada de todos os seres da terra.

Sabemos como é nosso território porque nossos antepassados nos disseram. Ainda hoje retiramos a argila boa para a cerâmica das margens das lagoas que tem uma cor marrom escura e dela confeccionamos potes, moringas, pratos de barro. Na parte alta de nossa terra retiramos a argila vermelha, muito resistente para fazer panelas de barro, frigideiras, cuscuzeiros. Para a pintura corporal, retiramos nas fontes da terra o “Tawá” - argila branca, com qual fazemos nossos

traços, nossos desenhos. No subsolo estão guardados muitos antepassados em “igaçabas” - grandes potes de barro onde enterrávamos nossos mortos. Machados de pedras, panelas, pontas de flechas de osso... Tudo isso está enterrado na terra e segue vivo na nossa memória. Cada camada de terra tem uma história registrada e preservar nosso território corresponde assegurar a Memória da Mãe Terra. Defendemos nosso território porque nele estão os registros de nossa cultura. Construíamos nossas aldeias em lugares escolhidos por oferecerem melhores condições de moradia. A terra que conhecemos não tinha divisão com cercas de arame farpado e nosso direito não estava limitado a léguas de terras, em sesmarias medidas pelo colonizador e depois oficializadas pelos governos do império e da república.

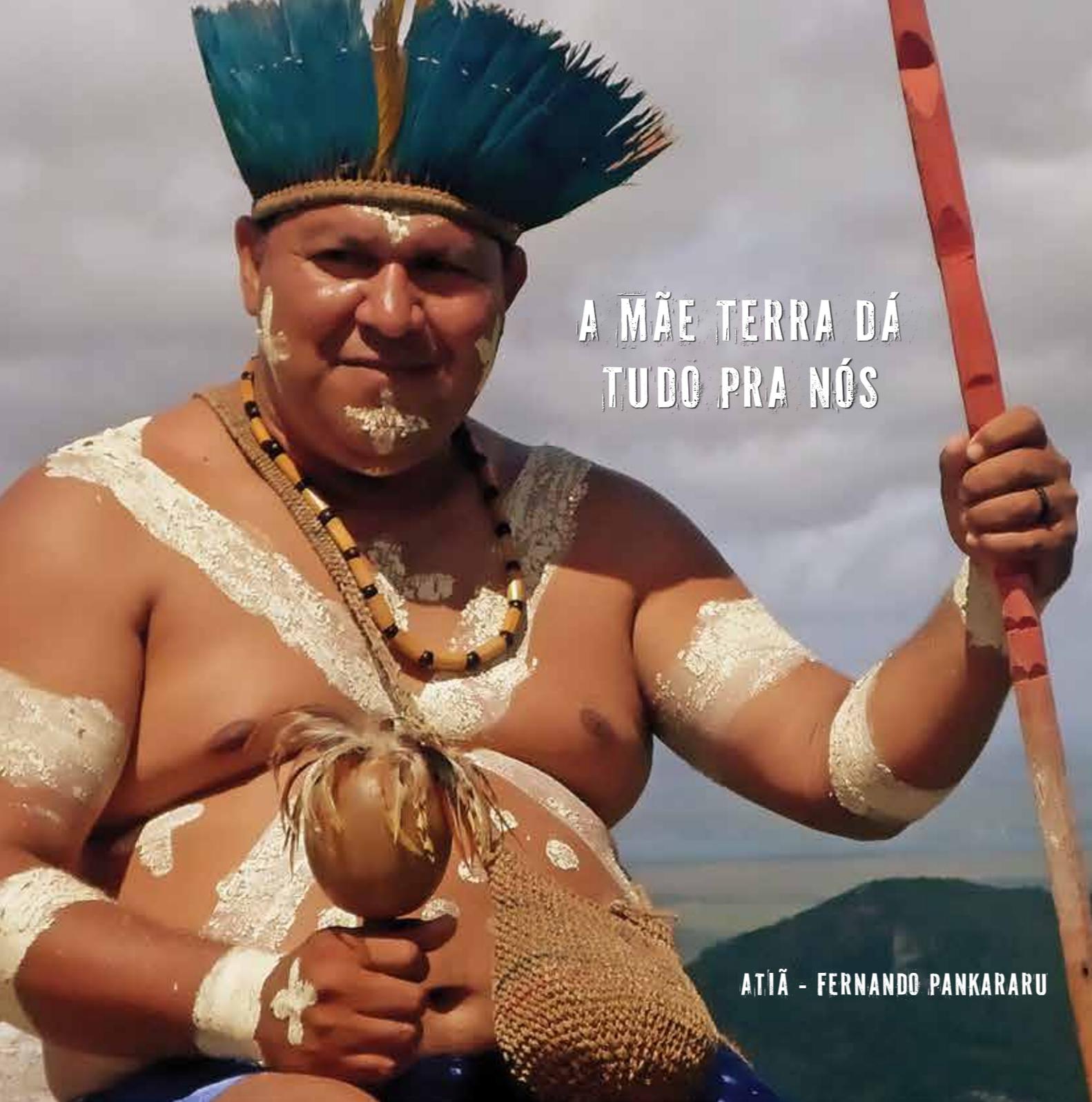
Hoje temos tristeza porque a maior parte de nosso território está nas mãos de pessoas estranhas que não respeitam os valores nativos, destroem a terra tirando minérios, poluindo os rios, construindo cidades, acabando com o sagrado. Nossa cultura resiste e continua nomeando: Serra da Marabá, Serra da Apreaca, Várzea do Itiúba, Lagoa do Coité, Baixa do Paturi, Grota do Cambotá, Rio Tibirí, Margem da Maricota; retrucando a musicalidade imposta em língua portuguesa: Morro do São Caetano, Rio São Francisco, Morro da Viúva, Pedra do Castro. A nossa força cultural é tão viva que muitas das povoações criadas por eles receberam nomes nativos: Aldeia Urubu-Mirim, Povoados Tapera, Tucuns, Angico, Sucupira, Girau do Itiúba e Povoado Kariri.

Pela Memória da Mãe Terra sabemos onde plantar as roças, como caçar cada animal e como se relacionar com cada peixe. Cada povo tem sua Memória da Mãe Terra. Em cada ecossistema há um acervo da sabedoria nativa sobre a relação com a natureza e nossas culturas e vivências atravessando os tempos históricos.

Por causa da terra muitos povos indígenas foram exterminados. Os colonizadores retiraram as riquezas de muitos territórios. Pelo Nordeste cortaram o pau-brasil, escravizaram muitas tribos, evangelizaram os sobreviventes que puderam capturar. Os índios capturados que ficaram na Missão Religiosa do Colégio dos Jesuítas se miscigenaram com outras etnias, europeus e africanos, dando origem ao povo brasileiro.

Hoje, somos quase um milhão de indígenas no Brasil. Nós, indígenas, resistimos e ainda lutamos pelo direito de exercer nossas tradições, de viver nossa cultura, sendo respeitados como povo indígena, pois embora estes direitos estejam garantidos pela Constituição Federal ainda não são cumpridos.

NHENETY KARIRI-XOCÓ



A MÃE TERRA DÁ TUDO PRA NÓS

ATIÃ - FERNANDO PANKARARU

A Mãe Terra dá tudo pra nós: a água, o ar, o fogo, as matas e os animais. Temos nossa memória viva, nossa cultura viva.

Temos nosso toá, que é um barro branco que vem da Mãe Terra e que usamos para pintar nossos corpos.

Temos nossos toantes que são os cantos que fazemos em louvor à Mãe Natureza, quando toda a comunidade participa, juntando jovens, adultos e os velhos para agradecer. Temos muitos rituais.

Temos nosso ritual principal, “Os passos”, onde interpretamos vários animais. Nasci e me criei aqui acompanhando nossas tradições. A gente continua dentro dos nossos rituais e, cada dia que passa, afirmando mais a nossa identidade.

Agradecemos, primeiramente, a Deus Tupã e os nossos Encantados, que nos ensinam a respeitar e também pedem pra gente se unir cada vez mais, para podermos ter o nosso espaço livre que é a nossa Mãe Terra.

Atualmente, estamos trabalhando para tirar os intrusos de nosso território. E a gente dá continuidade no que nossos antepassados deixaram, que está guardado na nossa memória.

Nós não podemos estar desmatando as nossas terras, as nossas montanhas. Nossa serra é sagrada e é lá também onde temos a nossa sustentabilidade física, nossas ervas medicinais... Tudo nós temos aqui na nossa Nação Pankararu.

Aqui estamos sempre educando para cuidar as nascentes de água, para que não se jogue lixo ao relento.

Hoje, a Mãe Terra pede socorro, e isso não é só na nação Pankararu, mas em todo o Planeta. Rios poluídos, animais se extinguindo, matas sendo exterminadas e o ser humano não pode fazer isso, a gente tem que cuidar.

Porque se a gente não cuidar, como é que vai viver sem as matas? Sem animais? Sem água? Tanta destruição está deixando a Mãe Natureza revoltada.

Todos nós, juntos, temos que cuidar da Mãe Terra porque é ela que nos sustenta.

COMPOSIÇÃO DE TUDO

A Terra me emprestou seu barro e o Grande Espírito me construiu. Minha mãe me deu abrigo enquanto eu escondida, me aprontava para sair. Minha mãe me deu abrigo para descansar.

A terra me emprestou seus rios e mares para me esbaldar.

A terra me emprestou as flores para o meu enfeite, meu cheiro, meu mel, meu encanto.

Minha mãe me emprestou seu sangue e suas lágrimas, para me fortificar.

E o vento? A Terra me deu seus Ventos para me ninar e transpor barreiras nacionais e estrangeiras.

Minha mãe me deu cantos e estórias para embalar meus sonhos.

Ah...O doce balanço da Terra – Terra redonda que gira, gira. O doce balanço do ventre que agita, que agita.

Que Espírito é esse que construiu a Terra, que construiu a minha mãe, que me construiu?

Que água é essa que me envolveu, me protegeu e ainda me inunda no processo da vida?

Que água é essa que me segue, que se esconde dentro de mim latejantemente quente, doce ou salgada me banhando desde o ventre, me espionando em toda parte, no alto, por baixo, por dentro e por fora, caindo suave, dominante, me chamando, me abastecendo sem fim?

Que Espírito é esse que construiu a Água que deu origem à vida que deu origem a tudo na calada da noite e ao romper do dia? Água que nasce na fonte serena do mundo...

E a família dos Ventos que movimentam o Tudo? Que se vestem coloridos nos balões da eterna infância, que sopram a Água e o Fogo e as mazelas inconvenientes aos filhos da Terra, que revisam cada célula nutrindo ribombantes pulmões, agitando mares?

Que Espírito é esse que construiu o Vento, que ordena tudo no vozerio da comunicação, na visita inesperada das folhas dançantes, no bailado dos seres viventes, no soluço e nos gemidos-linguagens da dor e do amor?

Que Espírito é esse que emprestou o tempo, emprestou o espaço, preencheu a Terra, preencheu meus ancestrais e me preenche com este passado forte, presente lindo e futuro certo?

Ah, o balanço do tempo, o balanço da terra, o balanço do amor, o balanço do ventre, o balanço da despedida, da viagem com o vento como notas musicais. Indicando o caminho do portal Arco-íris, trabalhar eternamente para a composição do tudo. Daí recordação musical... Vento que balança as folhas do coqueiro, vento que balança as águas do mar. Vento diga, por favor, onde se escondeu o meu amor?!?!?!?

Achei! no mar. Vento diga, por favor, onde se escondeu o meu amor?!?!?!?

Achei!

VERÔNICA MANAUARA



O GRANDÊ ESPIRITO

Estamos diante de diversos Povos que se misturaram ao longo dos mais de 500 anos. Uns se misturaram pelo amor e outros se misturaram pela dor. Uns são descendentes de europeus que vieram por diversos motivos, uns à busca de ouro, outros vieram para salvar os índios, transformá-los em filhos de Deus, já que não tínhamos alma. Outros irmãos vieram à força como escravos negros, outros eram prisioneiros dos cárceres dos países europeus que vieram para América para nunca mais voltar como castigo imposto e outros são mestiços com negros, brancos e indígenas de outras etnias. Não podemos negar que alguns vieram para nos ajudar.

Todos neste mundo precisam de uma Educação Verdadeira. Educação de Valores. Os índios representam os antepassados, o presente e o futuro da nossa Amazônia.

Nosso Povo Tukano sempre fala sobre sua tradição. Os anos de experiência contam muito em qualquer situação, desde as tarefas sensíveis às necessidades de defesa e segurança. Conta mais que papéis, mais que palavratórios demagógicos e politiqueros, mais que ladainhas e mais que leis inúteis que nunca são cumpridas.

O Criador Avô do Mundo (Ēmëkho Nhekh) deu para Yepá Okhë seu filho primogênito, poderes de domínio, sabedoria e riquezas materiais.

Yepá Oãkhë teve um casal de filhos. Ao passar a herança para seu primogênito, este não se importou com a flauta sagrada. Ele, imatura e preguiçosamente, não valorizou esta importante chave para sua primogenitura. Assim, sua irmã – sendo a parte gerador-feminina do Grande Espírito - escutava muito os conselhos e orientações do pai, entendia o valor da flauta e conseguiu tomar posse da mesma.

A partir daí, organizou o grupo das mulheres que dominaram a humanidade por milhares de anos. Dominaram o mundo com a música, disciplina, ordem e harmonia.

Assim, o homem lutou por milhares de anos para tomar o domínio. Os homens eram acomodados nos aspectos do trabalho, do enfrentamento dos problemas difíceis, tanto complexos como dolorosos.

Num determinado dia, eles conseguiram tomar da mulher a flauta sagrada. Através da embriaguês causada pelo preparo de bebida muito forte, a enganaram, deixaram para ela uma flauta falsa,

roubando a verdadeira. A partir de então, foram progressivamente ameaçando-as pela força física, pela violência, agressividade, invasão, sequestro brutal, extrema ignorância. Era grande o medo da volta do domínio e da sabedoria da mulher. O medo de reunião grupal como no tempo da mulher. Com este novo domínio, o plano insensato era dividir, fragmentar. Dividir em todos os aspectos comunitários ou sociais: “Mulher só pode fazer isto, mulher só pode trabalhar em casa. Mulher não pode rir. Mulher tem que se calar. Mulher tem que obedecer, não pode falar em público, nem se reunir; nem escolher nada. Mulher não tem livre arbítrio.”

Os homens, assim, passaram a ter muitas mulheres. Mais tarde, o livre arbítrio foi tirado de cada indivíduo, foi tirado o amor, tornando-o isolado e debilitado. Foi se distanciando do diálogo, da sabedoria, da harmonia, do equilíbrio... Então, o homem passou a não sentir mais amor, mas sim, dúvida, desconfiança e ódio dos ensinamentos do Avô do Mundo – Do Criador, o Grande Espírito.

Com ânsia, afobação de domínio e posse, eles se esqueceram também do repasse da sabedoria total da mulher para educar seus filhos.

Sem a educação da mulher, o Mundo foi se dividindo, os herdeiros competindo. Conquistando erradamente pela submissão ou sedução. Hoje em dia, uns escondem a flauta, outros não sabem nada sobre ela. Uns tem medo de mulher e outros querem ser mulher. Mas o que pode melhorar realmente é descobrir que sem ela o homem é somente a metade. É insuficiente. É deficiente. A dominação precisa acabar. Todos os tipos de dominação devem acabar. As forças precisam se unir. Não é fazendo leis novas todos os dias, separando, dividindo, excluindo que este quadro poderá se reverter, não podemos ficar longe, longe do tempo do Avô do mundo, perdidos. Precisamos das respostas da flauta sagrada, da origem sagrada, precisamos da busca do resgate da sua identidade. O domínio e a força tornaram o homem cativo e encarcerado nas grades do seu apartamento. No vidro fumê do seu carro, nos seguranças dos seus eventos e inventos. Na ignorância da preservação da mãe terra. O Homem de hoje não domina nem ele mesmo. Dominou sobre as aves dos Céus, sobre os peixes, sobre os animais da terra, sobre o ar, sobre o solo, a riqueza subsolo, mas, errou quando dominou seus irmãos que também são donos, errou nas suas leis, criadas em códigos civis separando os direitos e negando o livre arbítrio ao indivíduo de outras culturas.

Foram se esquecendo dos direitos ensinados de geração em geração na história oral, na vivência, na experiência e agora perdidos... no papel. Só papel..., só papel.

O Fogo destrói a mata, destrói o papel, destrói a herança. O que vale mesmo é o cumprimento da responsabilidade do Homem. Só assim ele se libertará do cativo em que ele se meteu, trancando-se cativo encarcerado, isolado do outro. Contratando vigilância humana ou tecnológica, contratando seguranças, fiscais, secretária de assuntos Indígenas, fronteiras, gaiolas, presídios, cofres, cartórios, carimbos, selos, papéis, moedas correntes, correntes no corpo, corrente na mente, corrente em tudo. Inventaram Crimes Organizados, tropas de elite, elites sociais. Os dominantes civilizados urbanos, nacionais e internacionais depredam, depeçam e violam a Mãe Terra, agora exposta fatiada para os mais diversos concorrentes dominantes. Mas quem domina quem? Quem reconhece quem? Este é o nosso tema de hoje. E dentro deste tema apresento o pensamento jurídico. Por que o código civil não prevê o livre arbítrio para todos?

Os diversos povos constituíram os Estados monoculturais que estão estruturalmente excludentes por centralistas e racistas descendentes, voltados para o saqueio e a acumulação. Concluindo, a diversidade existe e os Estados devem reconhecê-la em suas constituições, tendo como proposta os Estados Plurinacionais. Dentro desta proposta não está a ideia de automização do país mas, sim, o conceito de livre-auto-determinação dos povos, ou seja, o reconhecimento da existência de diferentes povos, de seus direitos e sua autonomia para definir seu modelo de desenvolvimento, administrar com justiça e ter seus próprios Projeto de Desenvolvimento para auto-sustentabilidade do povo.

Ao mesmo tempo, os povos indígenas propõem o Bem Viver frente à proposta da sociedade ocidental da busca da “qualidade de vida”, mas que não leva em conta o conjunto dos estilos de vida baseados em níveis altíssimos de consumismo, desperdícios, causadores da ultra exploração dos recursos e que, por sua vez, conduz ao momento de grave crise ambiental que hoje vivemos todos. Ao contrário disso, a proposta do Bem Viver busca a utilização da natureza, mas sem lhe causar dano, exigindo o cessar imediato da ultra exploração dos recursos naturais, a racionalização e redistribuição radical do consumo e a regulação de atividades que sejam altamente poluidoras, protegendo a natureza e a saúde das famílias.

A proposta é garantir o futuro da sociedade Indígena e da humanidade, sempre pensando nas gerações futuras do nosso planeta Mãe-Terra. O Bem Viver trata também de uma série de conceitos políticos que tornam possível essa mudança de costumes, digo, maus costumes trazidos e implantados por grande maioria dos invasores sem educação ambiental, ética ou moral. São necessárias a harmonia e o respeito pelas diferenças entre povos. O aprofundamento da democracia urge. A destruição que começou com o massacre dos povos da floresta e também

da própria floresta está trazendo grande sofrimento à da humanidade. As consequências são drásticas, há a disputa da corrida entre o desenvolvimento tecnológico e a ira da natureza em todo o planeta. Os indígenas urbanos e não-urbanos sempre foram vítimas do homem que se diz civilizado. Mas quando se trata de recursos, projetos de Grande Porte e de temas indígenas lucrativos, logo se tornam aliados e amigos dos índios. Esse é o estilo usado contra os indígenas urbanos e não-urbanos ao longo de todo o processo da ocupação colonizadora.

É momento de desaprisonar; de propor o diálogo com fraterno entendimento. Urge que cuidemos do estabelecimento de uma Universidade Intercultural Indígena de FRONTEIRA para a formação dos nossos sábios Amazônicos. Todos sabemos que existem Universidades para preparar técnicos e burocratas. Militares tem escola Superior de Guerra. Nós queremos uma Escola Superior de Paz. As próprias igrejas, cada denominação tem sua Faculdade. Só fazem batizar o índio e torná-lo cristão, e aceitar Jesus já está salvo. Salvo de quê? Salvo de quem? E salvem-se quem puder num caos mundial como esse.

Não apóiam o índio para seu avanço aqui no nosso próprio solo, com nossa sagrada tradição e rica cultura. Queremos, antes de tudo, sermos salvos aqui, voltar a sermos felizes aqui com nossas famílias. Vivos, saudáveis, graduados em todas as atividades humanas permitidas pelo Grande Espírito. Do outro lado, no Mundo Espiritual, queremos chegar satisfeitos de não termos vivido em vão. Sem ressentimentos e sem lágrimas.

Não percam a esperança. As tempestades são constantes, mas sempre passam, mas a Eternidade e o Mundo Espiritual não passam, queira ou não queira você, deverá ir para lá e quem tem que te salvar é você próprio, por isso estamos aqui, como é a Vontade do Grande Espírito, para aproveitar a arte da vida neste mundo.

MANOEL FERNANDES MOURA - TUKANO
Líder Tradicional Indígena da Amazônia Brasileira
(10/08/1952 - 03/08/2014)

MÃE TERRA OLIVENÇA: TERRITÓRIO DE NOSSA ANCESTRALIDADE SAGRADA



O Território que hoje chamamos de Olivença já era habitado por nossos ancestrais antes do período que fomos forçados a conviver com os jesuítas na Aldeia Mãe, após a invasão europeia. Sabemos disso, não pelos livros de história e sim pelas palavras dos Anciões que mostram como nós Tupinambá já estávamos nesta região a centenas e centenas de anos. Uma das formas de resistência que encontramos foi atacar os invasores e seus empreendimentos coloniais. Isso adiou a ocupação e a fixação de aldeamentos nessa área ao sul da Bahia. Como nos falam os mais velhos, a nossa resistência sempre foi muito grande. Mesmo assim, os portugueses com o poder das armas tinham fortes interesses nas nossas terras. Isso fez com que eles usassem várias formas de violência e repressão.

Perseguiam, torturavam e matavam os que resistiam às suas imposições como a edificação do Aldeamento de Nossa Senhora da Escada. Um exemplo disso foi o Massacre do Cururupe quando Mem de Sá violentou em 1559 nossos parentes que não aceitavam a presença dos invasores. O povoado foi se formando segundo os padrões dos invasores. Implantaram sua escola para catequisar nossos ancestrais.

Porém, nos apropriamos daquele espaço e o mantivemos como área indígena, conservando mesmo escondidos as nossas tradições. Por isso, a Aldeia Mãe, mesmo com as imposições, continuou sendo nosso Território.

Em 1750, apareceu um novo comandante português chamado de Marquês de Pombal que expulsou os jesuítas do Brasil e de Olivença. Muitos dos Aldeamentos Indígenas que tinham nomes religiosos ganharam nomes de vilas de Portugal. Foi assim que o Aldeamento de Nossa Senhora da Escada passou a se chamar Vila Nova de Olivença, nome de uma vila portuguesa. A partir daí foi incentivada a mestiçagem de índios com colonos portugueses. Isso facilitou a entrada de portugueses no território das vilas não apenas para morar com os índios, mas também para negociar e ocupar o nosso território. Mesmo com a presença dos portugueses continuamos a viver no espaço da vila e nas matas da região de Olivença como nosso território.

Os portugueses violentaram nossas parentes e criaram organizações familiares ocupando o espaço da Aldeia Mãe. Mesmo assim continuamos a resistir e mantivemos nossa forma de produzir alimentos e viver. Em nossas roças produzíamos alimentos que vinham da mandioca, desde a farinha até a nossa bebida que chamamos de jiroba. Continuamos a viver da pesca, caçar no mato e catar caranguejos nos manguezais. Seguimos fazendo nosso artesanato de vários tipos.

Como nos falam os anciões, os invasores não conseguiram apagar o nosso modo de viver e continuamos nossa cultura, vivendo próximos aos rios e no interior do território, mantendo sempre ligação com Olivença. No nosso cartório em Olivença, documentos mostram que ainda nos finais do século XIX esse modelo de massacre e invasão do território se manteve, permanecendo até a atualidade.

Em 1875, os invasores determinaram que as terras dos antigos Aldeamentos passassem a ter o estatuto de “terra devoluta”, podendo ser transferidas da Coroa para os estados e estes emitirem titulação de propriedade a quem eles desejassem. Foi o que aconteceu com as terras de Olivença. Contudo, mais uma vez, resistimos e nos mantivemos em nossas terras tradicionais.

A década de 1930 foi novamente um tempo de forte pressão para que deixássemos nossas terras. Muitos de nossos parentes, explicam os Anciões, refugiaram-se nas serras. Mas, também foi a época da Revolta de Marcelino que, na época, chamou alguns parentes para lutar pelo nosso território sagrado.

Na fala dos mais velhos percebemos como Marcelino lutou enfrentando a repressão policial. Ele e outros bravos parentes em sua luta conseguiram refúgio principalmente nas regiões da Serra das Trepes e da Serra do Padeiro.

A repressão foi forte contra Marcelino e nossos Parentes. Ocorreram prisões e Marcelino foi preso duas vezes, desaparecendo sem ninguém dar notícias de seu paradeiro. A Revolta de Marcelino é referência fundamental para nós Tupinambá porque foi um verdadeiro guerreiro e encantado. Segundo nossos Anciões, a luta de Marcelino e nossos Parentes evitou maiores invasões fundiárias até o início da década de 1940.

Puxando pela nossa memória, percebemos que os brancos para se apropriarem de parte de nossas terras, utilizaram da força bruta de capangas dos coronéis locais, de policiais e de leis forjadas. Após o desaparecimento de Marcelino, as invasões fizeram com que o número de fazendas crescesse em nosso Território, algo que aumentou mais ainda entre os anos de 1960-1970. Com isso, mais parentes se refugiaram para a região das serras e matas.

Mas nossa ancestralidade não morreu e, na década de 1980, novamente começamos a reivindicar nossos direitos pelo território Tupinambá. Foi quando Seu Alicio e Duca Liberato foram à Brasília procurar apoio. No início da década de 1990 já havia registros documentais na Fundação Nacional do Índio - FUNAI sobre a nossa existência nos arredores de Olivença e a necessidade de sermos atendidos por aquele órgão.

O primeiro relatório resultante de uma visita da FUNAI à região foi em 1997 e, nele, o seu representante afirmava: “após contacto e revelações do grupo meio arredo pelo pouco que são visitados, pude constatar que vivem em regime fechado e ainda conservam seus traços étnicos, legado dos primeiros povos a habitarem a região costeira da Bahia”.

No ano 2000 participamos do encontro entre representantes de Povos Indígenas do Brasil em Porto Seguro. Naquela mesma ocasião, participamos dos protestos em relação aos 500 anos da invasão portuguesa. Foram momentos que aumentaram nossa convicção étnica e de donos do nosso Território.

Em 2002, solicitamos à Fundação Nacional do Índio a delimitação do nosso território tradicional e, em 2003, iniciaram-se os estudos preliminares de identificação da terra indígena. A partir de então, a ação agressora dos grandes fazendeiros aumentou. Sem medo, aumentamos nossa mobilização e em 2006, no sentido de pressionar o Estado para a conclusão dos estudos de demarcação do nosso Território, começamos as “retomadas” do Território, criando aldeias e fortalecendo nossa cultura.

A Caminhada em Memória aos Mártires do Massacre do Rio Cururupe é uma expressão pública do povo Tupinambá de Olivença. Iniciada em 2000, este ano completou 14 anos que celebramos os mártires do Rio Cururupe e revivemos a memória de Marcelino.

No final de abril de 2009, a Fundação Nacional do Índio surpreendeu as pessoas que se achavam proprietárias de terras na região ao publicar no Diário Oficial da União a aprovação do Relatório Circunstanciado de Delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença. O Relatório assinalava como Território Indígena Tupinambá as terras existentes entre os municípios de Ilhéus, Buerarema e Una, cujos territórios identificados seriam nossas ocupações.

Este Relatório considerou Olivença como marco referencial da área por ter o local onde edificou-se o Aldeamento Indígena e Jesuítico denominado de Nossa Senhora da Escada, hoje batizado como Aldeia Mãe pelos Tupinambá.

O Relatório de Demarcação foi fruto da luta de nossos ancestrais que desde as invasões portuguesas nunca deixaram de resistir aos invasores. Por isso, nossos anciões são guardiões dessa memória ancestral. O Território Indígena Tupinambá de Olivença nunca deixou de ser nossa Mãe Terra e berço de nossa ancestralidade sagrada.

KATU TUPINAMBA

Admilson Silva Amaral
Prof. do Colégio Estadual Indígena
Tupinambá de Olivença

CASÉ ANGATU

Carlos José F. Santos
Prof. da Universidade
Estadual de Santa Cruz - UESC

APENAS UNS DIAS

Um dia dei muitos frutos, hoje quase não tenho mais forças.
Minhas águas já foram limpas, agora nem tanto.
Um dia fui cheia de animais de todas as espécies que você
possa imaginar,
A maioria foi extinto e os poucos que sobraram estão em
extinção.

Eu, logo eu, que tanto dei e dou de comer e beber a todos.
Eu, logo eu, que ofereço o ar que a humanidade respira.
Eu, logo eu, que sem mim a humanidade não viveria.

Mas será que ninguém percebe isso?
O homem só me maltrata com os seus atos imaturos e
irracionais.
Eu que sou e sempre serei a sua Mãe Terra!
O sol que clareia e aquece os dias.
A lua que ilumina as noites escuras.
As estrelas que brilham.
As nuvens que trazem a sombra e a chuva.
As flores que colorem e perfumam a vida.
Os pássaros que cantam e encantam.
Todas essas maravilhas ofereço a humanidade.
Mas os homens insistem em me desfrutar da pior maneira
possível.

Será que pensam que tenho vida eterna?
Do jeito que vamos temos só apenas uns dias.
Vamos cuidar! Vamos zelar! Somos um!





TRÊS GERAÇÕES

NAINE TERENA

Existem partes de nossas estórias que, às vezes, desconhecemos ou que nos são contadas aos poucos pelos nossos familiares. Elas, nos fazem sempre guardar na memória as relações que temos com os antepassados e com a força da Natureza.

Quando minha mãe - Anita - saiu da aldeia para morar na cidade, ela manteve o compromisso do retorno, que prevalece entre muitos indígenas que residem nas grandes cidades. Esse retorno sempre é marcado por comemorações dos parentes que ficam no local de origem...

Era a década de 1970 e mais uma vez Anita voltava para a aldeia com seus filhos e marido. Dessa vez, foi surpreendida por Pascoal Dias, grande liderança que dominava também os poderes da natureza.

Os xamãs Terena se orientam pelos elementos da Natureza, pelos cantos, pelo purungo, através dos sinais que são levados pelos seus 'guias', que podem ser o arco-íris, animais diversos, o vento, a água... Pascoal então fez uma recepção especial para Anita e sua família. No pátio da sua casa, Pascoal vestiu sua roupa tradicional, pegou seu maracá e cantou uma saudação lacrimosa:

"Estou feliz, Anita. É por isso que digo a vocês que, nesse entardecer do dia, estou cantando pelo entardecer e é pelo entardecer que começa a sair as estrelas, grandes estrelas. Por isso, digo a vocês, meus parentes, essa música é de alegria, estou feliz, em meio aos meus netos...

Agora vou cantar para ele [referindo-se ao meu pai, que não é Terena] assim:

É por isso que digo a vocês, venha sempre no meio dos parentes, dar uma volta, passear, ande, converse indo no meio deles.

É por isso que te digo: não estranhe uns aos outros, comam juntos.

Entre vocês, tenham dó, tenham dó (humildade).

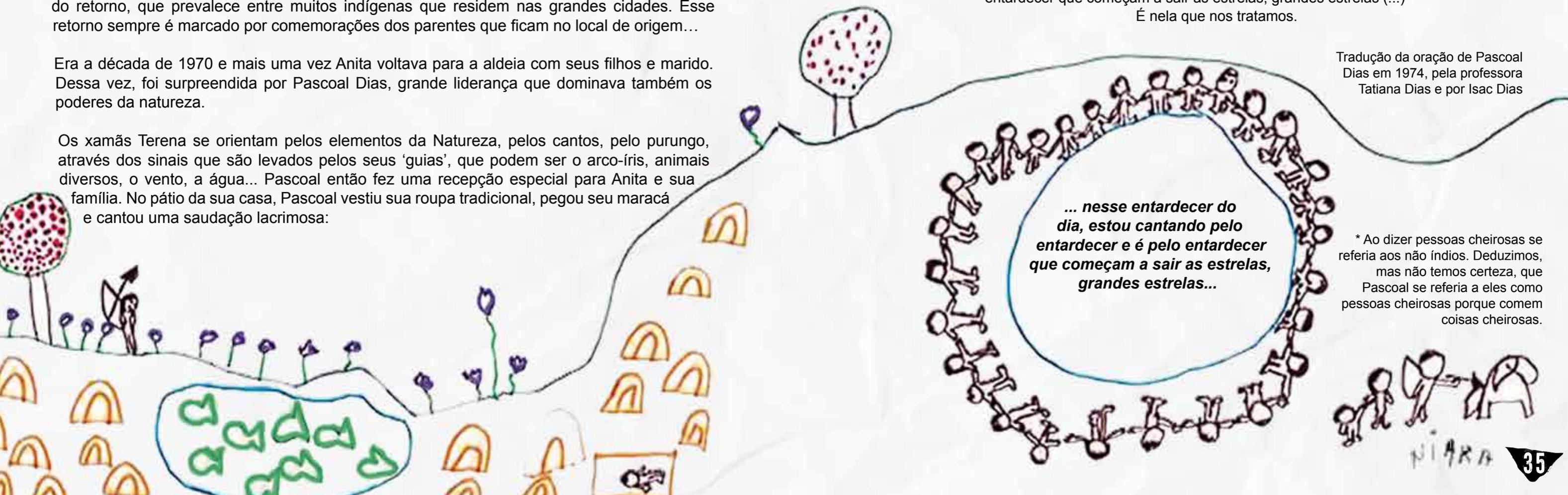
É por isso que digo a vocês, parentes, acreditem, não se preocupem em meio às "pessoas cheirosas". Vocês que vão... não se estranhem, pois somos todos iguais em meio deles. Tenham dó um do outro, eu os recomendo. É isso que tenho a dizer a vocês.

Estou feliz ... Anita.

É por isso que digo a vocês que, nesse entardecer do dia, estou cantando pelo entardecer e é pelo entardecer que começam a sair as estrelas, grandes estrelas (...)

É nela que nos tratamos.

Tradução da oração de Pascoal Dias em 1974, pela professora Tatiana Dias e por Isac Dias



* Ao dizer pessoas cheirosas se referia aos não índios. Deduzimos, mas não temos certeza, que Pascoal se referia a eles como pessoas cheirosas porque comem coisas cheirosas.

A TERRA MÃE É NOSSA PÁTRIA

Era uma noite feito tantas outras dentro do Ouricuri, de longe se percebia uma calmaria que tomava conta de toda a comunidade. Calmaria silenciosa feita à noite lhe concedia, silêncio quebrado algumas vezes pelo barulho do vento nas árvores. A lua tão incandescente era um aperitivo a mais dentro daquela comunidade, o seu brilho ajudava o brilho das fogueiras que, além de fornecer claridade, esquentavam as estórias daquelas pessoas que as cercavam. Uma forma de compartilhar com a simplicidade de recursos disponíveis, as estórias que faziam parte da explicação simbólica de toda a nação Fulni-ô. Essa simplicidade de recursos não era nenhuma barreira para a riqueza de detalhes das narrativas ali contadas e vividas, principalmente quando estas eram recheadas dos elementos

nos quais todo o fio da organicidade do ser Fulni-ô era o recheio. Cada pessoa era uma célula que mais tarde repetiria esse ritual para uma geração posterior à sua. Das muitas estórias ali contadas e ouvidas se buscava, antes de tudo, o ensinamento e o aprendizado, era uma escola de alunos dedicados se formando em futuros docentes de outras gerações. O valor de pertencimento, união e respeito eram todos lembrados nas rodas das fogueiras, fazendo assim com que uma criança desde cedo fosse tomada pelo sentimento de identidade da comunidade. Esses valores e a sua forma de repasse via oral, com a participação assídua dos membros do povo, até um determinado momento antes do embricamento entre o passado rústico e o moderno presente fez-se o meio mais eficaz de tornar viva as tradições e os valores culturais de toda a nação. Poderíamos assim dizer, que as estórias faziam mais que ser uma forma de socialização grupal, eram também um dos itens fortalecedores no ensino da nossa unidade cosmológica e cosmovisão de mundo.

No meio de toda essa conjuntura, saliento que os elementos constituintes da cultura Fulni-ô seriam os principais itens abordados nas falas dos “oradores das fogueiras”. Os ensinamentos sobre a valorização dos componentes cosmológicos e míticos, assim como, a relação que um Fulni-ô deveria e deve ter com a natureza e o seu ambiente eram temas recorrentes naquelas rodas de diálogos.

As crianças eram desde cedo ambientadas a absorver aquilo pertinente para a sua sobrevivência cultural e, conseqüentemente, a sobrevivência da comunidade com relação ao seu ethos. As relações traçadas com os artefatos predispostos pela natureza, não eram tidas como meras relações sem significados específicos, pelo contrário, essas relações definiam como o respeito

era primordial para com os elementos fornecidos pela terra. E isso não se dava só por causa dos recursos imprescindíveis para uma sobrevivência fisiológica, mas também por causa do sentimento que o indígena carregava para quem fornecia os meios necessários para a manutenção e reprodução dos costumes do povo. Esse sentimento é algo tão forte para nós pertencentes ao povo Fulni-ô, que a terra que habitamos recebe uma designação toda especial dentro do idioma Fulni-ô (yaathê). Para nos referirmos à terra dentro do idioma yaathê, nós usamos a palavra feá. No entanto quando nos referimos ao lugar que fazemos a nossa morada usamos uma partícula que dentro do idioma enfatiza algo especial, lhá. Portanto, para nos referirmos à terra na qual habitamos, a reverenciamos como um elemento da natureza dotado de algo especial, deixando a palavra terra como um elemento especial: fealhá.

Ainda temos outra conotação a ser lembrada pelo forte sentimento o qual lhe é concebido. A terra dentro da nossa organicidade vai além de uma reprodução do espaço físico conforme apresentado acima. E ela repassa a ideia de pertencimento a um meio físico/espiritual no qual a nossa identidade enquanto comunidade, desde a sua gênese, é concebida. É um lugar de valorização do “eu” com os elementos naturais aos quais pertencemos, que agrupados, *a priori*, à minha existência, tornam-me aquilo que sou, ou seja, na tradição Fulni-ô o espaço e o tempo agem em sintonia para nos educar culturalmente com as particularidades étnicas que constitui o ser Fulni-ô. No tempo, encontro todo o agrupamento dos valores socioculturais disponíveis antes da minha existência, e no espaço, a organização pré-disposta desses valores. Ao me localizar no espaço, sou um agente passivo enquanto sou orientado quanto à cultura e, posterior a isso, fazendo a junção tempo/espaço me torno um agente ativo quando venho a fazer a transmissão desses valores. Percebe-se nisso tudo que a terra enquanto espaço, torna-se peça fundamental nessa engrenagem, por isso nós Fulni-ô concedemos a ideia de Pátria no espaço no qual nos reproduzimos culturalmente. Comumente usamos a expressão yafelhá (nossa terra sagrada) para nos referirmos à ideia de Pátria ou em outras palavras do lugar onde nascemos e nos formamos culturalmente, principalmente na aldeia do Ouricuri (kexathikalhá), onde praticamos as nossas crenças religiosas e somos direcionados aos valores que nos concedem a ideia essencialista do ser Fulni-ô. Apesar de toda a simbologia mística que percorre todo o nosso território, é na aldeia ouricuriana que nos referimos como o principal espaço no qual não nos sentimos desligados dos elementos constituintes da natureza e da terra. Na yafelhá (nossa terra sagrada) nos sentimos como uma parte de toda a natureza que ali está estabelecida. Nesse espaço, a ideia de completude enquanto ser define cada sentimento nosso, colocando em cada membro propriedades capazes de fazê-lo se reconhecer como índio Fulni-ô. É como se a sua forma enquanto pessoa ainda faltasse o elemento da terra para que pudesse atingir a ideia completa do Fulni-ô e este elemento encontramos nesse espaço que conceituamos como a nossa Pátria.

No entanto, os valores sobre as questões que envolvem a terra e toda a sua natureza, hoje, parecem um pouco dissonantes dentro da realidade Fulni-ô. A forma como os valores eram repassados e a curiosidade de aprender parecem adormecidos entre as pessoas da comunidade. Por esse motivo, alguns cânticos dentro da nossa linguagem nos tentam alertar para tal realidade, e assim, tentam fazer com que os jovens busquem o aprendizado sobre esses valores vinculados à yafelhá, assim como outros cânticos nos dizem que a forma pela qual estamos nos relacionando com a terra não está sendo a correta.

“Owá fealhá takê yatxtô kaktôtkya...” Cafurna Fulni-ô

Neste trecho acima de uma música, é nítida a tentativa de conscientização sobre a relação com o elemento terra: - O nosso jeito (forma de viver) não está bom para com a nossa terra sagrada. Isso nos mostra o quanto destoante vem sendo a nossa forma de lidar com a nossa Pátria e como a perda, ou falta de conhecimento, dos valores como forma de se relacionar com a terra gera certa preocupação para alguns membros da comunidade, principalmente os mais velhos.

A terra não é concedida, como dito anteriormente, apenas como à relação natureza/índio. Para nós, ela ainda nos concede uma ideia metafísica da divindade Fulni-ô, é idealizada como um espaço sagrado onde os valores divinos devem ser respeitados assim como as suas criações. Num trecho da música do índio Fulni-ô, Almir Frederico, ele nos diz que a terra a qual nós Fulni-ô habitamos é sagrada. Entretanto essa concepção de terra sagrada é justamente por conta da terra conter os elementos necessários para a manutenção cultural e física de nós Fulni-ô. Numa Cafurna (espécie de música com danças específicas e passos sincronizados) vemos com mais clareza como isso (manutenção cultural e física) está ligado a nós;

“... Tohê eedjadwalhá kodwasê setsokê ? –Fealhá mitxyalhá tolê!

“... O que Deus deu ao índio? A terra sagrada com coqueiro!

Percebemos na tradução da Cafurna acima como o elemento místico se mistura com o espaço físico que, por sua vez, oferece os itens necessários para a sobrevivência no espaço. Ou seja, Deus dar ao índio Fulni-ô através da terra todos os elementos essenciais para a sua manutenção física, além da própria terra que é essencial para a manutenção física e cultural. O item coqueiro deve causar estranheza para quem não está habituado com os elementos físicos da cultura Fulni-ô, mas gostaria de lembrar que uma determinada espécie de coqueiro (palmeira encontrada entre o sertão pernambucano e outros estados do Nordeste) exerce uma função essencial dentro do nosso contexto sócio-cultural, nos fornece a palha necessária para a fabricação do artesanato, formando assim, um dos principais pilares da economia na atualidade, como, no passado, era imprescindível para o fabrico dos utensílios usados no dia a dia da comunidade, ou seja, tem um viés de suma importância na construção e distinção da nossa identidade cultural.

Não é difícil perceber através de alguns pontos apresentados nesse texto que a relação Terra/Fulni-ô está numa equivalência de relação de mãe/filho (dentro da forma como a concebemos nas nossas particularidades), com todo o cuidado que a mãe tem com o filho dando-lhe os componentes necessários para manutenção das tradições físicas e espirituais. Mesmo as pessoas não ouvindo com a mesma intensidade as histórias que formam o nosso universo cosmológico, principalmente os mais jovens, a terra ainda é tida dentro da comunidade como um dos principais pontos caracterizantes da cultura Fulni-ô, sendo de fundamental importância e desenvolvendo dois papéis essenciais: serve para a nossa reprodução física fornecendo os elementos naturais, incluindo todo o arsenal de plantas medicinais ainda usadas por nós, e também para nossa sobrevivência cultural, sendo uma base sólida divinizada onde os elementos e costumes da comunidade são agrupados e transmitidos através do elemento dualista tempo/espaço.

Como dito acima, a terra estabelece uma relação de mãe para com filho. Dentre as pessoas mais velhas da comunidade esse sentimento é mais pertinente por causa do próprio vínculo criado ao longo do tempo entre eles e a terra, já que as suas vidas giravam em torno do relacionamento estabelecido com o território. Os elementos fornecidos pela terra para a nossa sobrevivência, a matéria prima fornecida para a fabricação do artesanato, assim como, a agricultura de subsistência e as plantas usadas em práticas ritualísticas de cura foram essenciais para caracterizar essa relação estabelecida como uma analogia a simbologia materna da terra. Por isso, se perguntarmos a um Fulni-ô, principalmente um velho da comunidade, como se dá essa relação com a terra, ele não hesitará em responder que Yafelhá ewlinholhá (nossa terra é quem nos cria). Ou seja, a terra, além de ser uma base sólida para a manutenção física e cultural, também transcende o universo metafísico do indígena Fulni-ô, equiparando-se a uma mãe para todos nós, a razão disso é devido ao contexto no qual acreditamos que a mãe é o elemento físico escolhido para o nosso nascimento espiritual. Mas, para algumas pessoas, os elementos da terra, assim como a própria, foram transformados em moeda de troca, ditando em dias atuais as relações sociais da comunidade. Entretanto, para algumas pessoas as quais ainda estabelecem essa relação matriarcal, a terra é vista como a mãe cuidadosa que zela pelo crescimento sadio e espiritual dos filhos, e, por conta disso, deve ser respeitada e resguardada com todo o carinho que se tem por uma mãe, assim como, todos os seus elementos que lhe caracterizam acabam fazendo parte de uma família indissolúvel, onde todos cuidam de todos.

RESPEITO À MÃE NATUREZA

**Caros parentes amigos, prestem muita atenção
Vou falar da Mãe Natureza com carinho e emoção
Pois ela nos dá vida e saúde
Através da alimentação.**

**Além da alimentação
Nos dá água para beber
Esse líquido precioso
Sem o qual não podemos viver.**

**A água vinda lá dos rios
Que ainda nos dá frutos irrigados em seu leito
Sem pedir nada em troca
Apenas nosso respeito.**

**Respeito que há muito tempo
A nação vem esquecendo
Pois degradando a natureza
Nós também estamos morrendo.**

**Por isso nós precisamos respeitar a natureza
Ela é uma jóia rara, dona de muita beleza
Que o capitalismo selvagem
Devasta em busca de riqueza.**

**Rios e praias são poluídos
Pelas grandes fábricas existentes
Que lançam neles todos os dias
Seus dejetos poluentes.**

**Não se pensa em nenhum momento
Que a terra está agonizando
E dizendo ao ser humano
Vocês estão me matando.**

**Pensando só em dinheiro
E na sua subsistência
O homem fere a ecologia
Sem medir as consequências.**

**Pois o avanço tecnológico
Só piora a questão ambiental
Tornando ainda maior
A desigualdade social.**

**Devastando grandes áreas de reserva florestal
Colocando em perigo nosso reino animal
Simplesmente pela busca do status social
Agravando o problema do aquecimento global.**

**É preciso que se saiba
O que é cidadania
São atitudes inteligentes
Adquiridas no dia a dia.**

**Pois a ambição pela riqueza
A busca desenfreada pelo capital
Tira nossa liberdade
E nos fazem tanto mal.**

**Finalmente com certeza, o respeito a mãe natureza
É dever do rico e do pobre também
Pois a condição social não tira a responsabilidade de ninguém.**

YRACERÊ XUCURU

**Selma de Souza Assunção
Aldeia Mata da Cafurna
Palmeira dos Índios AL**

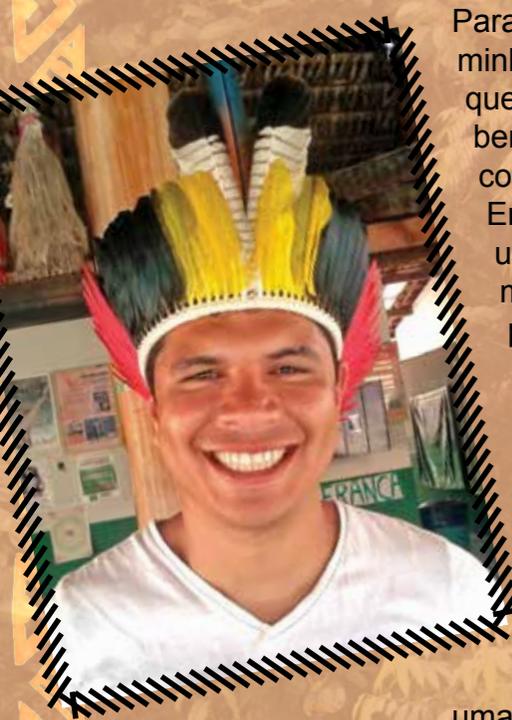


NOSSAS TERRAS

**Nossas terras são heranças dos nossos antepassados.
É por isso que a nossa luta tem grande significado,
pois as mãos que calejaram das ferramentas que pegaram,
somos raízes que ninguém via, mas um dia brotou.
Hoje somos muitas árvores
E juntos vamos lutar para reconquistar
as nossas terras que os brancos vieram roubar.
Esse chão é sagrado porque nossos antepassados muito sangue
derramaram.
Somos herdeiros verdadeiros de tudo que restou.**

ARIAN PATAXÓ

MÃE DAS MÃES



Para falar um pouco da mãe terra, quero falar por meio da mãe da minha mãe, minha avó. Resgatar sua memória por meio das histórias que ela me contava é, para mim, um presente divino. Lembro-me bem que desde criança, eu já tinha uma curiosidade imensa de saber como as coisas funcionam e como elas chegaram a ser como são. Então, sempre que podia, pedia a minha querida avó que contasse um pouco de como foi sua infância. Ela me contou que sua mãe, minha bisavó, teve que dar alguns de seus filhos para que outras pessoas que tinham mais condições os criassem. “É, minha mãe, por muitas vezes quis que eu fosse embora para ser criada por pessoas que tinham mais condições que ela, mas eu a abraçava e dizia que não iria deixá-la”. Enquanto minha avó falava isso, sentada na cadeira de balanço, ela olhava em direção ao céu, como se estivesse vendo ali um o filme da sua vida. Eu a olhava e podia sentir sua tristeza e ao mesmo tempo sua reflexão sobre a vida e superação dos problemas de sua época.

Ela teve sete filhos, cinco mulheres e dois homens. Infelizmente, uma das mulheres veio a falecer ainda nos primeiros meses de vida.

Minha mãe chegou a falar dela, mas sem muitos detalhes porque também era nova demais. Uma de suas lembranças era de ter dado um beijo na testa de sua irmã antes dela falecer. Mas o legal é que a vida foi generosa com minha avó e lhe deu a oportunidade de criar seus seis filhos.

O dinheiro não era comum na aldeia, então para comer o pessoal geralmente caçava ou comia o que a terra dava por meio das árvores frutíferas ou roças. Minha avó armava arapucas e laços para pegar coelhos. Pescava traíra no rio e também armava um anzol mais resistente para pegar jacaré.

O tempo passou e hoje minha avó tem 89 anos. Já não tem mais aquela força para fazer tudo que fazia antes. Quando estou com ela vejo ela resmungar: “quando eu podia, eu criava minhas galinhas, fazia a minha horta e ninguém tinha que ficar correndo atrás de comprar nada. Hoje, ninguém mais quer saber de plantar nada”.

Infelizmente, quando chego à aldeia, realmente vejo que muitas pessoas já não querem mais cuidar da terra e tirar, pelo menos, parte do sustento dela. O constante contato com o não indígena e a falsa felicidade que o modo de vida: “junta, junta” oferece, vem cada vez mais cegando as pessoas.



Avó de Alessandro abraça a mãe de Alessandro, Maria da Luz Higino Mesquita

Estamos vivendo um momento de cegueira na sociedade e as pessoas, aparentemente, não querem voltar a enxergar. A televisão, o rádio, alguns canais digitais, a sociedade onde vivemos vêm vendendo que: para ser “feliz”, as pessoas precisam juntar o maior número de riquezas, carros, motos, roupas caras. Morar em casas gigantescas ou apartamentos bem equipados. Sendo que a verdadeira felicidade está em nosso interior, no contato com o próximo, na relação de amor com a família e amigos. Um amor sem interesses, um amor que cuida da terra que te dar o sustento. Um amor pela terra a qual minha avó cuidava, e como forma de gratidão, essa terra dava-lhe o pão e uma vida saudável.

ALEXSANDRO COSMO DE MESQUITA

Neto de Ernestina Maria da Conceição, etnia Potiguara da Aldeia Tracoeira, Baía da Traição, estado da Paraíba.

SEGUINDO A NATUREZA



Nós Karapotó vivíamos felizes até a chegada dos brancos. Eles começaram a tomar nosso espaço e desde então, tentamos sobreviver aos massacres. A Aldeia Karapotó foi incendiada por volta de 1800 e o povo teve que se espalhar pela região. Cada um buscou seu destino. Ficamos proibidos de ser uma comunidade indígena, ficamos sem terra, sem floresta, não tínhamos um lugar certo para morar.

Minha família saiu seguindo os lugares que tinha a floresta. Meu pai nunca gostou de viver em cidades. Quando aquele “proprietário” derrubava a mata, nossa família ficava triste e tinha que seguir para outro lugar que tinha floresta. Meu pai pedia trabalho para os invasores, só para ficar perto da mata,

para convivemos com os seres da floresta, para podermos caçar e pescar porque era esse nosso costume.

Não sabíamos viver de outra maneira. Nós tirávamos tudo que precisava da mata: palha para cobertura de nossa casa, mel de abelha, carne de caças, terra para plantar e fazer farinha. Aprendi com meu pai, José Kirino, a imitar as aves e saber os rastros das caças. Nossas aves são muitas: zabelê, seriema, uru, nambu, juriti. Embora hoje não tem como tinha antes; agora são escassas.

Na Lagoa do Titáia tinha muita onça, paca, jacu, seriema, cutia veado e capivara. Hoje, com esses anos todos de “progresso” não tem mais aquela natureza, não vivemos mais naquela riqueza.

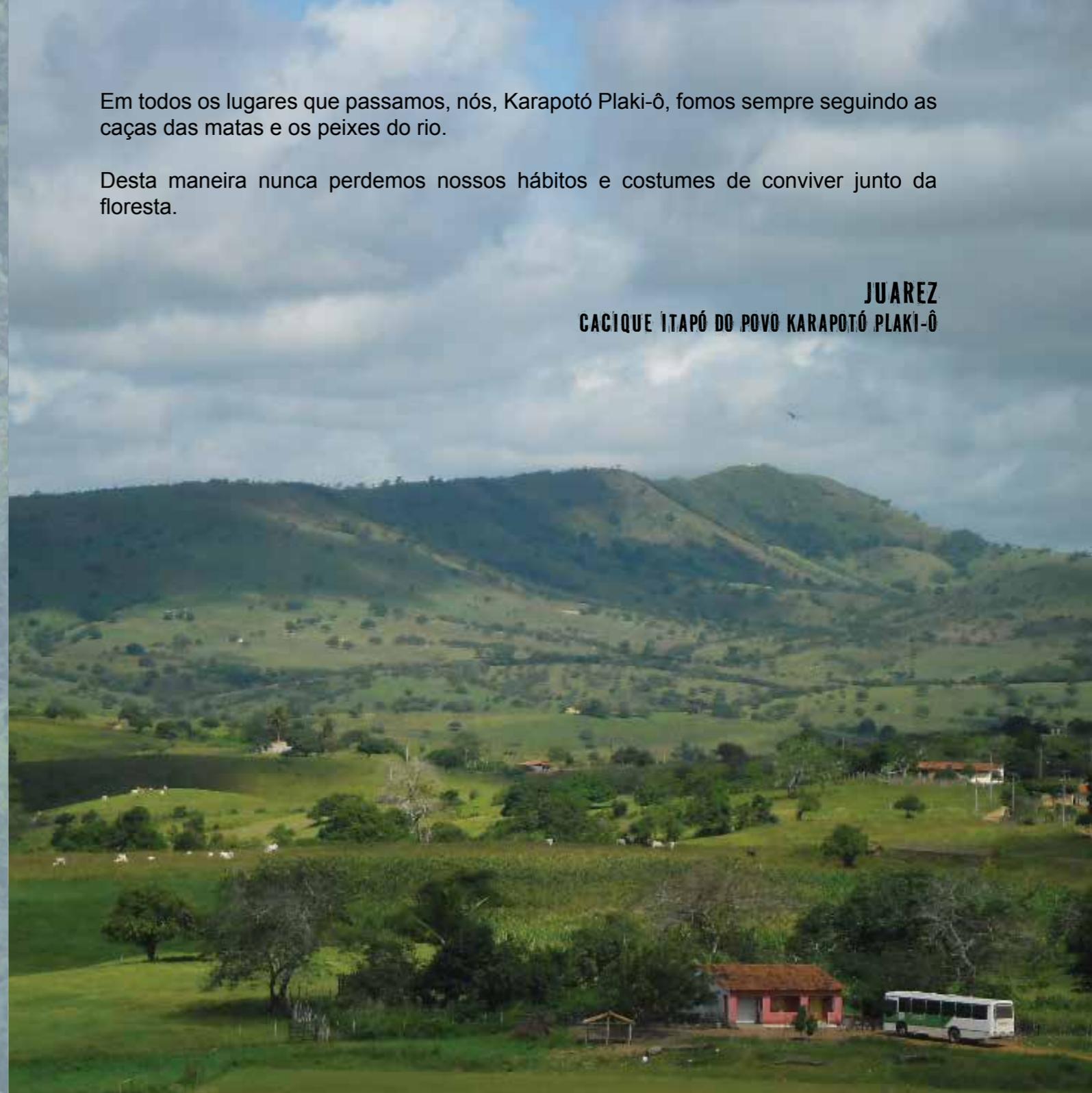
Com minha mãe, Chiquinha, conheci os segredos das ervas medicinais e aprendi a trabalhar na roça plantando milho, feijão, mandioca, macaxeira, abóbora e tudo que precisava.

Tivemos que andar por muitos lugares e voltamos para a beira do São Francisco, nosso lugar ancestral.

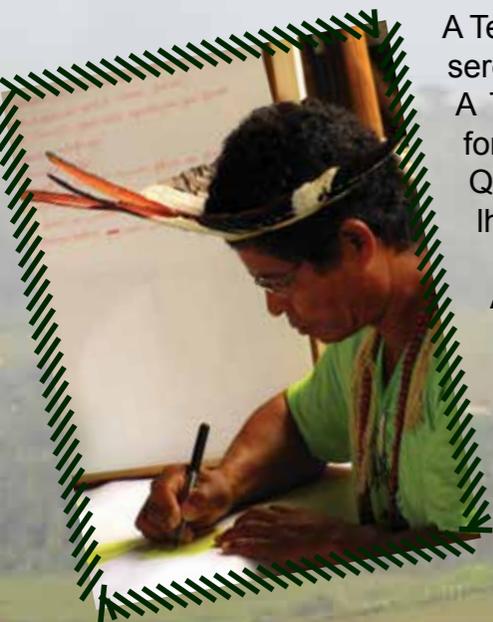
Em todos os lugares que passamos, nós, Karapotó Plaki-ô, fomos sempre seguindo as caças das matas e os peixes do rio.

Desta maneira nunca perdemos nossos hábitos e costumes de conviver junto da floresta.

JUAREZ
CACIQUE ITAPÓ DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô



PRESERVAR A MÃE TERRA



A Terra é viva, assim como os seres vivos. Ela se move como os outros seres viventes.

A Terra se movimentava: geme, grita, fala, faz gestos; tudo isso são formas da terra se comunicar com os seres humanos, seus filhos. Quando uma árvore cai, ali a terra está acenando que alguém está lhe ferindo, ferindo outro filho seu.

A terra é nossa Mãe e a árvore é nossa irmã.

Quando acontece tsunamis, vulcões, maremotos, terremotos e outras catástrofes, é a terra vomitando as tantas imundices que os humanos lhe submetem. É a manifestação da revolta da Natureza. A Mãe Terra não suporta mais as ignorâncias e as violências que os desumanos estão fazendo, praticando e torturando nossa Mãe Terra.

Como cada nação, cada povo, cada território tem sua memória. Para algumas pessoas, nós indígenas temos lendas, que seriam histórias não verdadeiras; já para nós muitas dessas histórias são cheias de verdades.

O BICHO HOMEM

Segundo nossos velhos o bicho homem existe de verdade, ele é um homem mesmo, só que é um homem enorme, que chega ao alto das árvores na mata. E ele só existe em matas densas, ou seja em matas virgens. Na nossa região, hoje não existe mais porque foi muito desmatada.

Antigamente, as matas eram muitas. Antigamente, existia bicho homem aqui. Ele era alto e forte, parece um homem normal. Às vezes ele aparecia assim para as pessoas, só que aos poucos ia crescendo, crescendo, crescendo... Até virar um homem gigante. As pessoas se assobram com a sua aparência. Ele era muito feio, com o corpo todo coberto de cabelo que ninguém nunca viu o rosto dele.

Nos anos 1970, eu ouvi um gritando na mata atrás de mim, enquanto eu viajava pela a mata do Monte Pascoal, da aldeia Corumbauzinho para a aldeia Barra Velha.

Os pés dele são iguais aos pés de um elefante. Na nossa região, os mais velhos brincam muito um com o outro, se chamando de pé de garrafa, simbolizando como se fosse o bicho homem, devido aos pés do bicho ser redondo. Na minha aldeia ninguém quer ser comparado com o pé de garrafa.

Eu acho que o bicho homem seria como um guardião.

Alguém encarregado de preservar a Mãe Terra.

CACIQUE JOEL BRAZ
ALDEIA RIBEIRÃO; T.I. MONTE PASCOAL - PORTO SEGURO - BA

WAMÜ'GÃ (OMARI)

Nikã'makã püré ni'kün, Kü'un pōrã merã mi'inpü...

Em uma comunidade, uma pessoa vivia com seus filhos...

Na comunidade, em cada época, as fruteiras dão seus frutos. Elas são o complemento alimentar de todas as famílias. Aqui eu conto sobre o fruto wamü'gã (omari).

Um ser morava com sua família em uma aldeia. Chegou a época de wamün büru'rikura (omaris caindo das fruteiras).

Um desses dias mahsun Kü'un pōrã ni'inpü - o gente ser - falou para seus filhos:

- Hoje vou recolher wamü'pá (omaris).

Depois, ele seguiu o caminho para ir nos pés de wamün que ficam no caminho da roça. Os pés de wamü'pá ficam nos antigos wia'karó (capoeiral), que também foi a antiga aldeia, que virou capoeira. Isto porque nossos ancestrais sempre se deslocavam para um novo espaço, uma nova aldeia próxima da antiga.

Assim, foi caminhando, e logo chegou nos pés de wamün. Olhando para os lados, foi pegando o que estava caindo no chão e foi juntando as frutas. Fez um montinho de frutas wamün.

“Antes de voltar, vou cortar ñumuhkê - folha de bacaba - para enfiar as frutas nas pontinhas, dividindo para levar para casa” - ele pensou.

Resolveu esperar mais tempo para cair mais wamün. Sentou no pé de uma árvore, que tinha um tronco grande, bem próximo dos wamün'pü (pés de omaris).

Sentado, ficou observando e olhando alguns wamün caindo com o vento. Quando ventava, caía mais. De repente, em um piscar de olhos, ele apareceu em outro lugar sentado em cima de um galho, na beira de um rio de correnteza. Era Ope'kōdiah, o rio de leite que fica no subterrâneo. É outro plano da vida espiritual.

Sentado em cima do galho, ele olhava para os lados e para o rio, para cima e para baixo, assustado, se perguntando - “Onde estou?”

Depois de algumas horas olhando para baixo do rio, ele viu a correnteza em movimento, eram ondas, e uma canoa vinha com pessoas remando nela. Foram se aproximando e, quando passaram na frente dele, ele chamou.

O homem da canoa encostou perto do galho, e o mahsun - o gente ser - perguntou onde ele estava para homem da canoa, o wamün mahsun, o gente omari.

O gente omari falou que ele estava no Ope'kōdiah. O gente ser falou: - Eu não sei como eu vim parar aqui. E contou como ele apareceu ali.

No final da conversa, o wamün mahsun - gente omari - falou: - “Estou subindo para minha comunidade. Fui visitar meu sogro lá na comunidade de baixo. Como você está vendo, minha canoa é muito pequena e não cabe você”.

A canoa do wamün mahsun - gente omari - era casco de wamün (omari).

- Assim sendo, vem depois mahsã (gente). Eles vão passar aqui, subindo o rio. A canoa deles é grande. Eles vão te dar carona. Fique aí e espere eles passarem - falou o gente omari.

Assim se despediu e entrou na sua canoa. Sentou no banco e pegou o remo. Seguiu remando, subindo e se foi. O gente ser sentado em cima do galho continuou olhando para todos os lados, mas na mente dele fluía muitas coisas. Muitos pensamentos passavam pela sua cabeça. Pensando nos filhos, porque estava preocupado com sua família.

Demorou um pouco para passar outro como havia falado o primeiro wamün mahsun - gente omari. Ele ficou esperando, mas confiante. Depois de algum tempo, avistou duas pessoas que vinham remando. Quando passou na sua frente, ele chamou. Elas foram encostando com uma canoa grande onde cabia ele. Também essa canoa era de casco de omari.

Ele conversou e contou sua história. Depois da conversa, o ser wamün mahsun - gente omari - falou: - Vamos irmão! Entre e embarque na canoa.

Ele desceu do galho e entrou na canoa. O gente omari deu um remo para o gente ser remar e subiram remando e conversando. Ele falou que aí era rio Ope'kōdiah (Rio do Leite da Mama). Falou que logo tinha uma comunidade onde moram os wamün mahsã soarã, que era comunidade de gente omari loira e bem branca. No final da curva do rio, subindo, e no meio de outra curva, tem comunidade de wamün mahsã ñi'inrã.

- A comunidade de gente omari onde todos eram pretos - falou. E contou: “Logo acima, um pouco longe, subindo o rio, tinha outra comunidade de wamün mahsã ya'sahrã. Era comunidade

de gente omari verde. Todas as pessoas eram verdes: crianças, adolescentes e adultos.

Era assim cada comunidade. Na verdade, cada comunidade era um pé de omari. Onde havia vários pés de omari, eram grandes comunidades. As pessoas eram coloridas de acordo com a cor do pé de omari e não se misturavam, mas se respeitavam muito umas às outras. E se reuniam em festas, vindo de todas as comunidades para uma aldeia, nos dias de rituais dos wamün mahsã - povos omaris.

O wamün mahsün, que levava o nosso ser da terra, falou: - Você vai ficar na minha aldeia e vai gostar. As pessoas são boas.

Ele era wamün mahsun bu'utiwigü - gente omari parda. O nosso ser da terra era também pardo. Portanto, essa aldeia o recebia com saudação e alegria. Eles encostaram a canoa no porto e foram subindo para a aldeia. Chegaram frente à maloca grande. Ele entrou, foi apresentado e foram dizendo: - Bem-vindo!

E o wamün mahsun contou para seu povo da maloca como ele tinha encontrado o ser da terra em cima do galho. Depois, perguntaram como ele tinha ido parar lá. O ser da terra contou em detalhe e todos riram. Assim foi sua chegada. E as pessoas da maloca deram rede e ele dormiu junto com wamün mahsã.

Assim, ele ficou meses na terra dos wamün mahsã. Ele ia junto com eles pescar, caçar, participava das atividades coletivas e dos rituais de cantos e danças na aldeia. Foram momentos maravilhosos. Ele estava feliz e conformado com a vida que estava levando em relação à sua família aqui na terra, nesse plano.

As mulheres iam para roça, cultivavam mandioca e faziam todo processo do preparo como aqui na terra.

Chegou um mês em que as wamün nü'mian - mulheres omaris - pegavam mais mandioca, ralavam e secavam a massa da mandioca no forno. Depois de pronta, os homens pegavam a massa, espalhavam uma camada fina que ficava bem branca, como um tapete ou fina camada de gelo. Isso era motivo de alegria, como antes de um grande evento que eles preparavam o crescimento da fruta omari. Eles jogavam ou espalhavam com alegria, contagiando de amor e respeito essa massa. Jogavam ao redor da sua maloca para que viessem animais e pássaros se alimentarem. Era uma fartura para todos.

Já aqui no nosso mundo - na Terra - a massa que o gente omari jogava eram as primeiras flores branquinhas que os pés de omari dão e caem, espalhando. As mulheres gentes omari espalhavam essa massa, quando ficava seca, na sua oca feliz, antes de uma grande festa.

Passando isso, depois de algumas semanas, os pés de omari começaram a dar pequenos frutos e alguns caíram. São os chamados ka'ren Burú. Já no mundo dos gentes omari, eles falavam: - Vamos karen bu'rorã.

Pois quando os pequenos omaris caem, para eles, era uma festa, como um ensaio. Por isso, eles falavam: - Vamos descer pulando.

Era mais ou menos assim: na nossa visão, as frutinhas caem. Mas, para eles, é apenas um salto ou um pulo descendo. Depois, eles levantavam firme de volta. Assim, era o dia de alegria deles.

Aqui na terra, passaram-se semanas e a fruta omari já estava madura. Os irmãos mais velhos ou os próprios garotos fazem a limpeza nos pés de omari que ficam próximos da aldeia. É tempo de alegria das crianças. De ir para os pés coletar as frutas que caem da árvore e levar para casa para comer.

Já no mundo dos wamün mahsã, era tempo de alegria. O pé de omari era grande e alto. Era uma grande maloca. Cada omari representava uma pessoa deitada na sua rede. Quando caía, na verdade, eram eles que desamarravam a rede e, ao mesmo tempo, pulavam da rede.

As redes estavam atadas uma em cima da outras. Uns deitavam alto porque eles atavam suas redes nos galhos mais altos. Assim se espalhavam pelos galhos cada um na sua rede. Para eles, esse pé de omari era uma grande casa e uma grande festa. Eles desamarravam sua rede, saltavam pisando no chão e saíam correndo para o centro da maloca, que no caso era o próprio pé de omari.

Para nós, o omari cai. Para eles, é apenas um salto. Ele via cada salto que cada gente omari dava. O omari caía e as crianças iam pegar correndo. Às vezes, elas ficavam à espera e quando um omari caía, disputavam para pegar. Na verdade, as crianças estavam pegando a fruta que é as pessoas - o gente omari - para comer.

Um dia eles falaram: - Vamos todos desamarrar nossa rede e saltar, cada um no seu tempo. Quando cada um sentir que é sua hora, cada um pega sua rede e vai atando ou amarrando sua rede em cada espaço da maloca. Vamos nos espalhando e ocupando cada lugar.

O ser da terra ficou com medo. Ele via o que as pessoas do nosso mundo faziam ao pegar as frutas e a forma como tratavam elas. Ele ficou sentido no fundo do seu coração.

Como convidaram, ele também pegou sua rede e atou embaixo na maloca. Aqui na terra, era no primeiro galho baixo e nosso ser era um omari grande. Toda vez que as crianças iam no pé de

omari, caíam os omaris. Elas os pegavam e levavam para casa para comer. Quando ficava no ponto mais maduro, comiam com beiju, às vezes para beber vinho de omari com farinha e, às vezes, a mistura em um tempero para uma boa quinhapira com peixe e bem apimentado. Assim era o destino dos omaris.

Ele não tinha coragem de fazer seu salto e continuava deitado na rede olhando. Assim, a fruta continuava madura e não caía. Eles falaram para ele confiar e saltar e, assim que pisasse no chão, sair correndo para o centro, no caso, para o pé de omari. Como ele estava no galho mais baixo, na realidade, o omari estava no galho baixo já grande e demorou para amadurecer. Uma das filhas dele, toda vez que ia pegar omari, observava. Um dia ela falou: - Esse omari não cai. Está demorando. Já tá grande e não amadurece.

Um dia ela beliscou o omari. Ele sentiu a dor. O omari que ela beliscou era o próprio pai dela, o ser da terra. Os wamün mahsã contaram para ele tudo que acontece aqui: - Nada conte aos seres humanos e às pessoas da sua aldeia do que você viu.

E falaram como os seres humanos se alimentavam deles e falaram também do não cuidado que os seres humanos têm com seus alimentos. Falaram que, antes de comer, era para lavar e não brincar com as frutas e os alimentos. E que tudo era sagrado. Falaram para ele não contar como aconteceu e como ele foi parar nesse mundo.

Ele falou: - Sim, não conto.

E jurou. E os gente omari falaram: - Se você quebrar e contar, virá para junto de nós e não viverá muito tempo a partir do instante que contar na sua terra.

Passou os dias, estava deitado na sua rede e sem coragem de pular. Ele via outros saltando e as crianças pegando as frutas. Eles falaram que quando ele também saltasse, retornaria para esse mundo. Ele pensou, pensou e criou coragem para saltar. Desamarrou a rede, saltou e, assim que pisou no chão, pulou conforme foi orientado. Saiu correndo para o pé de omari.

Mas assim que ele pisou no chão, ele apareceu nesse mundo. Estava de volta. Estava sentado no pé do tronco do omari. Inspirou fundo e fez sua reflexão. Depois, os filhos dele viram o pai sentado e todos perguntavam:

- Pai, onde você estava?

- Um dia conto - ele falou.

E todos ficaram felizes.

No dia a dia, ele não era o mesmo. Ele olhava as coisas de outra forma. Ele via as crianças brincando com omari e falava para não brincar com omari. A família dele perguntava: por quê? Onde ele tinha andado? Ele nada falava. Porque como ele morou e viveu com wamün mahsã, para ele as frutas eram gente, amigos que ele fez, por isso ele não comia mais as frutas que eram gente e omari. As crianças discutiam para comer e brigavam entre elas. Ele falava para não brigarem.

Nesse mundo, já tinha passando alguns anos e seus filhos já estavam um pouco maiores. Eles cresceram durante o tempo que ele ficou com wamün mahsã. Lá no mundo do omari, para ele, passou só alguns meses. O tempo de completar o ciclo do mês de omari.

Um dia, vendo os filhos disputando e brigando com palavras, ele contou que não era para brigar e jogar omari, que o omari era gente. Todos os alimentos e frutas eram gente e era para respeitar, dividir as frutas, comer junto com alegria e amor, cuidar das plantas. Foi assim porque ele não

aguentava ver situações de discussões. Por isso, ele chamou todos e contou como aconteceu. De fato, como ele contou, ele estava quebrando sua palavra. Não durou muito, adoeceu e desencarnou e a alma dele foi para junto dos wamün Mahsã.

Por isso, os velhos falam que certas coisas são nossa vida, nossa história. É a base de nossa existência e é fundamental a manutenção da nossa cultura, nosso idioma, nosso costume, nossa tradição. Aconteça o que acontecer, onde quer que a gente esteja, não esquecer da nossa cultura e defender o trio homem-natureza-cultura.

BU'Ú TUKANO

O PODER DO TORÉ

O TORÉ é canto, dança, oração, louvor ao criador, contemplação da maior obra da criação à MÃE NATUREZA. Realizado em várias etnias indígenas, é um ritual que fortalece os valores tradicionais e culturais da comunidade. Há muito tempo que foi criado, acreditamos que foi uma bênção de nossos espíritos ancestrais. Em círculo, contemplamos a natureza, a maior obra da criação. Nesse ritual homenageamos a MÃE NATUREZA e o NOSSO DEUS TUPÃ, e com essa dedicação pedimos apoio a Deus e somos atendidos.

Na luta dos Pataxó Hãhãhãe para conquistar o território que os fazendeiros usurparam, o toré deu força à nossa comunidade para reconquistar o território tão almejado.

No ano de 1997, o nosso parente Galdino de Jesus tinha ido à Brasília com um grupo de lideranças reivindicar a nossa terra de volta e lá foi queimado por cinco jovens bandidos. O corpo dele retornou à aldeia em um caixão e todos nós, membros da comunidade, ficamos revoltados. E, assim que enterramos o guerreiro, partimos para ocupar a terra.

Pensávamos: se ele morreu defendendo a terra, vamos honrar a morte dele retomando cinco fazendas.

Então, por 8 km seguimos cantando nosso toré, alguns chorando mas com muita fé.

Chegando lá, encontramos muitas armas, mas graças a Tupã, um dos fazendeiros inimigos não estava na fazenda. O fazendeiro se articulou procurando pistoleiros, mas nossa articulação foi cantando e fazendo nosso ritual do toré, com fé. Lembramos que até cobra peçonhenta a gente mata pisando com os pés descalços e a espiritualidade era tão forte que nenhum mal tinha força de nos atingir.

Em 2000 na Coroa Vermelha, no município de Porto Seguro-BA, quando o governo resolveu comemorar os 500 anos de colônia portuguesa, resolvemos nos manifestar. Em nossa passeata fomos bombardeados com gases de efeito moral e foi terrível, pois tinha crianças, idosos e índios com necessidades especiais.

Era um dia de céu limpo, sem nuvens, e um sol muito quente, então, começamos a fazer um toré forte pedindo ajuda a Tupã. De repente, começou a chover. É a chuva nos ajudou pois estávamos passando mal com os efeitos da bombas.

Temos muitos segredos, que nós indígenas preferimos não contar porque achamos que nos cabe compreender, respeitar e proteger a nossa cultura do saber.

O Toré tem poder, é a nossa fé, é a nossa religião, é um círculo de oração, onde contemplamos a suprema inteligência da criação, como os valores que estão na simplicidade. Geralmente, fazemos com os pés descalços, o que representa a ligação com a mãe natureza. É uma troca de energia com a Mãe Terra.

É uma herança que cultivamos e pretendemos passar para as próximas gerações.

O toré é tudo de bom!

ARARAWÃ BAENÃ HÃHÃHÃE



GRATIDÃO

Nós, índios Xokó, consideramos a Natureza como uma verdadeira Mãe Espiritual, pois é dela que retiramos nosso alimento material e nossa força mental.

Estamos diretamente interligados com a Terra através dos nossos rituais sagrados onde invocamos forças divinas para nunca perder o caminho que nossos antepassados trilharam. Os ensinamentos que nos deixaram de como podemos pisar nossos cantos com firmeza e bravura na certeza de que a Mãe Terra sempre nos dará a inspiração que precisamos para a nossa cura espiritual e física através de ervas medicinais. É da Terra que extraímos nossa pintura corporal, com ela representamos símbolos inspirados em animais como, por exemplo, cobras (jiboia, salamandra, coral) e a onça-pintada que significam agilidade, e persistência para conseguir o que queremos. É assim que nosso povo em meio às lutas, não desiste.

Retratamos nosso respeito e nossa admiração, através da maneira em que cultivamos nossos alimentos de forma sustentável, preparando a terra para o plantio com fertilizantes naturais, tais como esterco de gado, de galinha, composto de restos de comida, folhas verdes e secas, e utilizamos também o extrato de Nim, o qual tem o papel de controlar as pragas que venham prejudicar à nossa lavoura, sem degradar o meio ambiente.

A Mãe Terra sempre nos oferece o que plantamos, nos alimenta de milho, feijão, mandioca, verduras, legumes e plantas frutíferas. Nós Xokó não usamos produtos químicos para que no amanhã não venhamos sofrer com respostas revoltantes da Natureza, devido às interferências do trabalho do homem, que vem matando pouco a pouco a beleza e encantos da Terra.

Com base nos ensinamentos e experiências vivenciadas por nossos antepassados, plantamos dois dias após a lua nova para que possamos ter plantas mais resistentes e com alto teor de produção, ou seja, frutos maiores e de boa qualidade. Fazemos também a plantação em forma de batalhão sendo que, em cada dia da semana, o grupo visita a roça de cada um dos indígenas para ter um bom desempenho, assim não corremos riscos de ver as chuvas passarem e não plantarmos. Trabalhamos com o nosso maior bem que é a Terra, amando-a e respeitando-a. A Terra é como uma Mãe protetora e acolhedora que não desampara seus filhos mesmo quando não merecemos tamanha gratidão.

ITALA, KARINE, YATAN, FRANKLIN, ELIZAMA XOKÓ

RESPEITANDO A MÃE TERRA NADA IRÁ FALTAR

Meu nome é Francisco Reginaldo da Silva Santos, indígena da etnia Kanindé de Aratuba, localizada no município de Aratuba, no estado do Ceará. Nossa comunidade possui uma área de 1.193 hectares, que é subdividida em três áreas: área de habitação, área de plantio e uma área de reserva. A comunidade tem aproximadamente 190 famílias, mais de 1000 pessoas que sobrevivem da agricultura familiar, plantando milho, fava, feijão, mandioca, além de ainda praticar a caça, respeitando sempre os períodos de reprodução de cada espécie.

Desde a chegada dos portugueses ao nosso país, nosso povo a cada dia sofre lutando por nossos direitos, principalmente, pelo nosso direito fundamental que é o direito à vida. A cada dia somos ameaçados pela destruição de nosso planeta, principalmente com as invasões em nossos territórios que são fontes de muitas riquezas ambientais, devastadas em nome do capitalismo.



Da terra se tira tudo
Tira água pra beber
Batata doce de rama
E feijão para comer.

A palha para a oca
O cipó pro caçoá
O peba para o almoço
O peixe para o jantar.

Mandioca pra farinha
O milho pro mungunzá
Torrado se faz fubango
Moído se faz fubá.

Seca rio, morre peixe
É grande o devastamento
A Mãe Terra aquecendo
E geme o seu lamento

Os lixões em todo canto
Destroem o ambiente
Poluem terra e água
Matam peixe matam gente.

O sertão fica mais seco
A terra vira poeira
Há poluição na terra
Só se encontra sujeira.

A água está acabando
A chuva logo não vem
O capitalismo no mundo
E a culpa é de quem?



Onde tem uma aldeia
Tem uma reserva do lado
Nós índios cuidamos da terra
Este nosso solo sagrado.

A Mãe Terra foi criada
Com a mais sublime beleza
Florestas lindas e belas
Preenchem a natureza.

O homem com sua ganância
Sua ânsia de riqueza
Destrói a Terra sagrada
Acaba a natureza.

Deus nos deu inteligência
O único animal que a tem
Destruindo o que Deus fez
Iremos morrer também.

Mãe Terra, nós povos indígenas
Somos uma só nação
Podemos morrer lutando
Em prol dessa missão.

Defendendo a senhora
Que muitas histórias têm
Se a nossa mãe morre
Iremos morrer também.

REGINALDO KANINDÉ



MEMÓRIA E HISTÓRIA NA SALVAGUARDA PANKARARU

A nossa terra se originou de uma grande pedra redonda que foi se abrindo em locas e saindo de dentro muitas lagartas, que foram se transformando em homenzinhos, os donos da nossa nação. Vivíamos em um vasto território, não tínhamos limites ou fronteiras. Éramos livres como o céu, o vento, o rio, a terra e tudo que estava à nossa volta.

Mas, com o passar dos tempos, com a chegada do homem branco, essa liberdade foi ferida. Nosso povo foi expulso e proibido de pisar em nosso próprio território. Era o início da disputa pelas terras indígenas e a imposição de uma nova ordem cultural, econômica e religiosa. Tornou-se uma luta que ainda perpassa gerações e gerações Pankararu.

Da vastidão de outrora, pouco restou. Tivemos uma drástica redução de nosso território, sendo estabelecido nos seguintes limites: Rio Canacalacó; Rio Canabrava; Rio Salgadinho; Rio Bananeira. Por volta de 1930, o território Pankararu estava delimitado em 14.294 hectares. Porém, alguns agentes do governo e criadores de gado da região, usando de estratégias sórdidas, iludiram os mais velhos Pankararu e, em 1941, reduziram nosso território para 8.100 hectares.

Fizeram-nos acreditar que, mesmo a parte do território que ficou fora do marco, pertenceria ao nosso povo. Essa parte do território serviria como uma espécie de reserva para chupar um imbu, tirar o ouricuri para fazer um colar ou botar em um beiju... Fomos enganados! Mesmo nossos mais velhos, logo souberam que não teriam direito a mais nada da suposta área de reserva. Por mais que gritassem nada adiantaria. Sabiam que se fossem lá seriam denunciados como ladrões, seriam presos e até mesmo mortos.

A nossa relação com a Terra é de fé, orientação e cura. Temos a nossa sabedoria inspirados na Mãe Terra e nos Encantados.

Atualmente, nós Povos indígenas sofremos ameaças porque as nossas lutas e conquistas estão, de algum modo, refletidas na Lei maior, a Constituição Federal de 1988, onde se explicita nosso direito sagrado ao território, a manutenção dos nossos costumes e tradições; incomodando muita gente, principalmente, aqueles políticos anti-indígenas que têm cobiça em nossas terras e em todas as riquezas nelas contidas. Esses políticos, tornaram-se para nós, os dragões da nação; nos desrespeitando, tentam aprovar emendas constitucionais para desfazer o artigo 231.

RETOMAR PARA CUIDAR

O Povo Tupinambá de Olivença hoje está recuperando seu território tradicional que foi roubado de nós. No nosso território já houve muita sangue derramada. Aqui, a nossa Mãe Terra pede socorro. Nossa Mãe está ficando nua porque homem branco está destruindo: Matas, Rios, Mar...

Aqui a Natureza está sofrendo. Passeando pelo nosso território tem muitas fazendas, nas terras que nos roubaram, onde a terra foi tão degradada que já está seca e rachada. Nos locais onde existiam vários pés de aroeira só encontramos devastação por causa das mineradoras que extraem areia.

O Povo Tupinambá de Olivença precisa retomar seu Território. A nossa Mãe Terra pede isso para nós!

Quando tivermos o nosso território tradicional em nossas mãos poderemos trabalhar nele e preservar o que resta das matas, cuidar dos rios, das nascentes, dos manguezais e do mar. O mar também faz parte do Povo Tupinambá.

Com a sabedoria de nossos anciões fortaleceremos a consciência dos nossos jovens e faremos a Natureza se recuperar; honrando toda vida, porque toda vida é sagrada.

JAMOPOTY TUPINAMBÁ



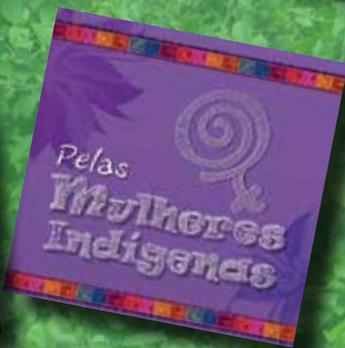
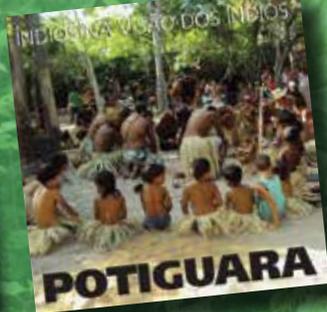
Desde a criação da Thydêwá em 2002, muitas etnias do Nordeste vêm trabalhando colaborativa e coletivamente. Destacamos que no início de 2014, 08 comunidades: Pataxó de Barra Velha, Pataxó de Cumuruxatiba, Pataxó Hãhãhãe, Tupinambá (BA), Pankararu (PE), Xokó (SE), Kariri-Xocó, Karapotó Plaki-ô (AL); deram início ao Programa MENSAGENS DA TERRA, Rede de Pontos de Cultura Indígena do Nordeste e ao Programa PELAS MULHERES INDÍGENAS.

Eu sou pelas **Mulheres Indígenas**



“PELAS MULHERES INDÍGENAS” é uma REDE MULTIÉTNICA E PLURICULTURAL que busca melhorar a realidade das mulheres indígenas, começando pelo Nordeste e pela formação de Agentes Multiplicadoras de Transformação Social.

www.mulheresindigenas.org



Em 2014, a ONG Thydêwá recebe o PRÊMIO FINEP DE TECNOLOGIA SOCIAL reconhecendo seu trabalho na potencialização das expressões indígenas e a promoção do diálogo intercultural.

Este livro, nosso 21º título lançado, é fruto da Premiação do IBRAM/MinC por nosso trabalho como Ponto de Memória, que soma-se ao nosso trabalho como Pontão de Cultura Viva ESPERANÇA DA TERRA e à nossa Rede de Pontos de Cultura Indígena MENSAGENS DA TERRA, ambos programas em parceria com a SCDC/MinC, trazendo a força do “Ponto de Mídia Livre” que somos. O livro também contou com um importante sinergismo do Ponto de Leitura OCA ABERTA, parceria com FBN/MinC.

Queremos especialmente agradecer a todos os indígenas que partilharam suas vozes semeando amor e lembrar que tem muito material disponível para o mundo no endereço:

www.thydewa.org/download